



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO**  
**LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

NATALIA SILVA COSTA

**USO DO SUSPENSE E MISTÉRIO:** Técnicas Narrativas em *Doze Horas de Terror*  
de Marcos Rey

Lago da Pedra - MA  
2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA  
LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

**NATALIA SILVA COSTA**

**USO DO SUSPENSE E MISTÉRIO:** Técnicas Narrativas em

*Doze Horas de Terror* de Marcos Rey

Monografia apresentada ao curso de  
Letras da Universidade Estadual do  
Maranhão para a obtenção de Licenciatura  
em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ma. Deyse Gabriely  
Machado Brito

LAGO DA PEDRA - MA

2025

C834u Costa, Natalia Silva

Uso do suspense e mistério: Técnicas narrativas em Doze Horas de Terror de Marcos Rey / Natalia Silva Costa – Lago da Pedra- MA, 2025.

60 f: il.

Monografia (Graduação em Letras com Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa), Universidade Estadual do Maranhão-UEMA/ Campus Lago da Pedra, 2025.

Orientador: Profª Ma. Deyse Gabriely Machado Brito

1. Doze Horas de Terror 2. Suspense 3. Arquétipos  
4. Cliffhanger 5. Jornada de Herói

**NATALIA SILVA COSTA**

**USO DO SUSPENSE E MISTÉRIO: Técnicas Narrativas em**  
*Doze Horas de Terror* de Marcos Rey

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) como requisito para obtenção do título de licenciada em Letras.  
Professora orientadora: Ma. Deyse Gabriely Machado Brito

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**COMISSÃO EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **DEYSE GABRIELY MACHADO BRITO**  
Data: 29/07/2025 13:18:09-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof<sup>a</sup>. Ma. Deyse Gabriely Machado Brito Orientadora (UEMA)**  
**ORIENTADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **AUREA OLIVEIRA DE ARAUJO NASCIMENTO**  
Data: 29/07/2025 16:18:40-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof<sup>a</sup> Esp. Áurea Oliveira de Araújo Nascimento (UEMA)**  
**EXAMINADOR I**

Documento assinado digitalmente  
 **FRANCISCA DE SOUSA VASCONCELOS**  
Data: 29/07/2025 11:27:02-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof<sup>a</sup>. Esp. Francisca de Sousa Vasconcelos (UEMA)**  
**EXAMINADOR II**

Este trabalho é para todos aqueles,  
que diante do medo e da aflição,  
seguem firme com coragem e  
esperança.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado força e determinação nesse percurso até a conclusão do curso que apesar dos percalços nunca me abandonou.

À minha mãe, Nilda Gonçalves de Lucena Silva que durante toda a vida sempre buscou me ajudar da melhor forma e que nos últimos meses se mostrou mais forte ainda, sem seu auxílio nada disso seria possível.

À minhas amigas e colegas de curso, que sempre estiveram presentes e por não soltar em momento algum a mão de ninguém, aprendemos, choramos, e descobrimos que no final das contas uma amizade sincera é inegociável.

À minha orientadora Prof. Ma. Deyse Gabriely por ter compartilhado seu conhecimento comigo, pela sua paciência e pelas suas orientações que foram de suma importância na concretização desse trabalho

Por fim, agradeço a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para a realização deste momento.

*Boas lembranças são como talismãs. Cada uma delas é especial  
Vocês as coleciona, uma a uma, até que um dia olha pra trás e descobre que  
elas formam um longo cordão colorido.*  
(James Patterson)

## RESUMO

Este presente estudo tem como objetivo analisar a construção do suspense na obra *Doze Horas de Terror* (1995) escrita por Marcos Rey, destacando as estratégias narrativas utilizadas pelo autor para provocar tensão. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, com foco na análise de conteúdo da obra. Para isso, fundamenta-se teoricamente em conceitos como o *cliffhanger*, a jornada do herói e os arquétipos junguianos, elementos que se mostram recorrentes na literatura de suspense. Tais estratégias narrativas permeiam toda a obra, permitindo que Marcos Rey mantenha o leitor em constante estado de tensão e envolvimento emocional, ao mesmo tempo em que conduz a trama com ritmo ágil e personagens psicologicamente consistentes. Nesse sentido, realiza-se uma revisão teórica baseada nos estudos de Carl Gustav Jung (2016) e Christopher Vogler (2006) que analisam a jornada do herói para a construção de roteiros narrativos contemporâneos. Os resultados obtidos demonstram que Marcos Rey estrutura o suspense de forma progressiva e eficaz, recursos narrativos que garantem o engajamento do leitor do início ao fim da obra. A presença de figuras arquetípicas, como o herói, mentor, aliado, confere a trama uma dimensão profunda permitindo múltiplas interpretações e dando ênfase ao impacto emocional.

**Palavras-chave:** *Doze Horas de Terror*; Suspense; Arquétipos; *Cliffhanger*; Jornada do Herói.



## ABSTRACT

This study aims to analyze the construction of suspense in the novel *Doze Horas de Terror* (1995), written by Marcos Rey, highlighting the narrative strategies employed by the author to evoke tension. The research adopts a qualitative approach, focusing on content analysis of the work. To achieve this, it is theoretically grounded in concepts such as the cliffhanger, the hero's journey, and Jungian archetypes, elements that frequently recur in suspense literature. These narrative techniques permeate the entire work, allowing Marcos Rey to keep the reader in a constant state of tension and emotional involvement, while guiding the plot with a dynamic pace and psychologically consistent characters. In this sense, a theoretical review is conducted based on the studies of Carl Gustav Jung (2016) and Christopher Vogler (2006), who examine the hero's journey as a framework for constructing contemporary narratives. The results obtained demonstrate that Marcos Rey structures suspense in a progressive and effective manner, employing narrative devices that ensure the reader's engagement from beginning to end. The presence of archetypal figures—such as the hero, the mentor, and the ally—adds a profound dimension to the storyline, enabling multiple interpretations and reinforcing the emotional impact of the narrative.

**Keywords:** *Doze Horas de Terror*; Suspense; Archetype; Cliffhanger; The Hero's Journey

## SUMÁRIO

|                                                                                                  |           |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>                                                                         | <b>10</b> |
| <b>2 Literatura infantojuvenil contemporânea: o suspense como convite à leitura.....</b>         | <b>14</b> |
| 2.1 Contextualização do surgimento da literatura infantojuvenil no Brasil .....                  | 17        |
| 2.2 O suspense nas obras com o público infantojuvenil .....                                      | 20        |
| 2.3 Marcos Rey e a arte do suspense na literatura infantojuvenil.....                            | 22        |
| <b>3 <i>Cliffhangers</i>, monomito e arquétipos: conceitos para compreender o suspense .....</b> | <b>28</b> |
| 3.1 O Impacto do <i>Cliffhanger</i> na Narrativa.....                                            | 30        |
| 3.2 A Jornada do Herói: Estrutura e Gestão do Ritmo Narrativo .....                              | 32        |
| 3.3 Arquétipos: aspectos psicológicos e seus efeitos para a narrativa .....                      | 36        |
| <b>4 Doze Horas de Terror: efeitos da narrativa de suspense .....</b>                            | <b>40</b> |
| 4.1 <i>Cliffhanger</i> : Suspense a Cada Página .....                                            | 43        |
| 4.2 Jornada do Herói: A Transformação de Júlio .....                                             | 46        |
| 4.3 Arquétipos na Narrativa: Personagens .....                                                   | 49        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                | <b>56</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                          | <b>58</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura infantojuvenil, historicamente associada ao entretenimento e a formação de jovens leitores em idade escolar, enfrenta o estigma de ser vista sob uma ótica reducionista que lhe atribuía um papel de menor valor artístico e intelectual em comparação com a literatura voltada ao público adulto. Essa perspectiva, ao limitar sua função é somente a didática ou ao lazer, contribui para diminuição da importância da literatura infantojuvenil, no entanto essa visão desconsidera o potencial reflexivo presente em muitas obras desse segmento, que tratam de temas relevantes, como identidade, família, amizade, ética, política por meio de suas narrativas.

Desta forma, esse estigma não apenas subestima o papel formativo e crítico da literatura, como também atuava desvalorizando os autores que atuavam nesse campo literário. Reconhecer a importância da literatura infantojuvenil é essencial para romper a hierarquização literária tradicional.

Diante desse cenário, o presente trabalho tem por objetivo geral aprofundar a compreensão dos elementos narrativos que ampliam o impacto da literatura infantojuvenil, especificamente no gênero suspense presente no romance *Doze horas de terror*, de Marcos Rey. Parte-se da premissa que esse tipo de narrativa contém um arcabouço de estratégias que promovem o engajamento do leitor.

Como objetivos específicos, pretende-se identificar as técnicas narrativas de suspense e mistério utilizadas por Marcos Rey na obra *Doze Horas de Terror*, destacando elementos como pistas, reviravoltas e perseguições que envolvem o leitor. Pretende-se explorar a complexidade da narrativa, observando o desenvolvimento do personagem e sua função dramática na trama. Por fim, iremos examinar os recursos narrativos empregados pelo autor, refletindo como essas escolhas contribuem para a criação de um clima de tensão e para o fortalecimento do vínculo do leitor com a obra.

Com uma contribuição inovadora, propõe-se discutir o uso das técnicas narrativas de suspense como um recurso especialmente eficaz para despertar o interesse do leitor com a leitura, transformar o que seria apenas uma leitura em uma experiência mais dinâmica e inspirar o desenvolvimento de habilidades críticas.

Através de mecanismos como o *cliffhanger*, ritmo acelerado, arquétipos e construção progressiva da jornada do herói a narrativa adquire um dinamismo que transforma a experiência de leitura, tornando-a mais envolvente.

A escolha do autor Marcos Rey se deu devido a esse ser pouco conhecido no cenário literário atual. Ele se diferencia por ser um autor fora da margem do tradicionalismo, de modo que, no decorrer da leitura desse trabalho veremos como o escritor é nada convencional.

Sua obra *Doze Horas de Terror* foi cuidadosamente escolhida devido à sua estrutura narrativa única, que combina aspectos do suspense com elementos inovadores de construção de enredo e estrutura narrativa. Tal obra se mostrou um exemplo válido para a exploração de técnicas de suspense evidenciando que a fronteira entre a literatura e o audiovisual apresenta que uma intertextualidade é cada vez mais presente e que sua estrutura remete às técnicas usadas na produção do audiovisual.

Para compreender a complexidade da literatura voltada ao público jovem se utilizou o livro *Literatura Infantil Brasileira* (1991), de Marisa Lojolo e Regina Zilberman, uma obra essencial para todos aqueles que desejam entender a evolução e função da literatura infantil no Brasil. A leitura dessa obra oferece um embasamento teórico necessário para legitimar a produção de obras infantojuvenil como campo fértil de estudos acadêmicos.

Já no campo narrativo são utilizados pressupostos apresentados por Christopher Vogler em *A Jornada do Escritor* (2006), que organiza os elementos da Jornada do Herói tendo base nos estudos mitológicos de Joseph Campbell. A aplicação desta análise no presente estudo permite identificar os arquétipos e os estágios da jornada presentes na trama, contribuindo para a reflexão da construção do suspense.

Para aprofundação teórica foi adotado os princípios de Carl Gustav Jung (2016) especificamente os conceitos de arquétipos onde a reflexão desse conceito serve de embasamento para a assimilação da criação de vínculos entre o leitor com a obra tendo como base a reflexão e espelhamento entre os dois. E ainda tivemos a contribuição do pesquisador Márcio Serelle que dialoga perfeitamente com a literatura contemporânea e como o uso de *cliffhanger* pode atuar tão bem na literatura.

Este trabalho teve por escolha pela metodologia qualitativa onde se justifica pela intenção de interpretar os elementos narrativos de forma sensível, focando em como o uso de mecanismos pode providenciar em uma melhor leitura onde a sensação de aproximação do leitor com a obra é valorizada. Desta forma, a análise se apoia aos referenciais teóricos para investigar como Marcos Rey constrói o suspense e faz uso de estratégias específicas para a criação de vínculos.

A apresentação dos resultados deste estudo está organizada em quatro capítulos, sendo o primeiro dedicado à introdução. No segundo capítulo, considerando a introdução como o primeiro capítulo, dedicamos atenção à literatura infantojuvenil, especialmente a sua evolução histórica no Brasil e sua importância cultural na formação de jovens leitores. Ao revisitar o contexto histórico e as influências europeias, especialmente as de Portugal, evidenciamos que o desenvolvimento desse gênero foi estruturado a partir de uma relação contínua entre tradição e inovação, refletindo as mudanças sociais e culturais que aconteciam no Brasil ao longo dos séculos. No referido capítulo também foi dedicado um momento para apresentação da biografia do autor e como ele se relaciona com o gênero de suspense.

No terceiro capítulo apresentamos o referencial teórico fundamentado em pesquisas bibliográficas dedicado a cada elemento, o *cliffhanger* como estratégia de suspensão que mantém o leitor engajado, a jornada do herói ou monomito que estrutura a organização narrativa universalista como um guia na construção de histórias, capaz de estabelecer conexões emocionais entre diferentes culturas.

No quarto capítulo realizamos a análise detalhada da obra *Doze Horas de Terror*, aplicando os conceitos estudados no referencial, tendo em busca compreender como esses recursos ao serem aplicados em uma narrativa tendem a aprimorar a organização da obra, observamos que tais recursos são capazes de prender a atenção dos leitores e que ao implementar os símbolos arquétipos facilitam a identificação do público jovem com a obra criando uma espécie de vínculo emocional.

Conclui-se que o uso de técnicas narrativas de suspense na literatura infantojuvenil, como as adotadas por Marcos Rey pode potencializar o envolvimento do leitor e fortalece o vínculo com a obra. Os estudos de arquétipos

(Jung, 2016), a abordagem da Jornada do Herói (Vogler, 2006), as contribuições de Serelle sobre o Cliffhanger e toda a contextualização histórica da literatura infantil segundo Lajolo e Zilberman (1991) oferecem um embasamento teórico necessário para reconhecer a complexidade desse universo literário.

## **2 Literatura infantojuvenil contemporânea: o suspense como convite à leitura**

O suspense, como gênero literário, é capaz de exercer um papel crucial na formação de novos leitores, especialmente entre crianças e adolescentes. O elemento central do suspense, que envolve a construção de tensão e a antecipação de acontecimentos, faz com que os leitores se tornem mais curiosos na busca por respostas, o que é essencial para o desenvolvimento de habilidades de leitura crítica.

Além disso, o gênero de suspense é frequentemente marcado por tramas envolventes e personagens complexos que enfrentam situações desafiadoras. Quando os jovens leitores se deparam com personagens que enfrentam desafios em situações tensas, eles não apenas observam, mas também podem se sentir emocionalmente envolvidos na narrativa. Essa conexão emocional é um dos fatores que podem transformar a leitura em uma experiência prazerosa e memorável, essencial para fomentar o hábito de leitura. Assim, segundo Benjamin:

[...] não são as coisas que saltam das páginas em direção à criança que as vai imaginando – a própria criança penetra nas coisas durante o contemplar, como nuvem que se impregna do esplendor colorido desse mundo pictórico. (Benjamin, 2002, p. 69)

Desse modo, observa-se que a leitura é um modo contemplativo que chama atenção do leitor ainda em formação, suscitando a imaginação a partir das palavras. A metáfora da criança como uma "nuvem que se impregna do esplendor colorido desse mundo pictórico" sugere que a criança, ao se engajar com a leitura, não apenas absorve informações, mas também participa do processo de criação de significados e experiências que a leitura nos proporciona. Essa imagem evoca o potencial criativo da imaginação infantil que por sinal é muito fértil, ela detém a capacidade de transformar palavras em imagens mentais vívidas e sentimentos.

A leitura, então, torna-se um espaço de liberdade, no qual a criança pode explorar diferentes universos. Desta forma, a literatura é um grande aliado no contexto social que estamos inseridos, em um cenário no qual crianças e adolescentes estão sendo intensamente estimulados pelas telas, a leitura se torna uma válvula de escape saudável.

Já no âmbito educacional a literatura de suspense pode ser uma grande ferramenta pedagógica quando o professor desempenha o papel de mediador da leitura ele tem a responsabilidade de criar um ambiente propício à leitura. A fim de estimular o desenvolvimento do aluno, a literatura de suspense é, frequentemente, utilizada sequências didáticas como o gênero textual conto, por exemplo, está presente em livros didáticos empregadas em atividades de interpretação para a produção de textos.

Há outras maneiras de tornar a leitura mais dinâmica, como as leituras dramatizadas. Nesta prática, os alunos leem trechos ou obras completas de suspense e realizam a encenação, utilizando a criatividade para interpretar personagens e cenários, essa prática ajuda a desenvolver habilidades expressivas, fortalecem a compreensão do texto, exploram as emoções e motivações dos personagens.

Com essas práticas, a literatura não só entretém, mas educa, permite que os alunos reflitam sobre suas realidades, promovem o pensamento crítico. Desta forma, a sala de aula é transformada em um novo espaço de descobertas e reflexões, onde podemos aproveitar a riqueza desse universo de suspense para cultivar não apenas leitores, mas também seres humanos críticos, capazes de interagir de forma ativa na sociedade.

As obras de suspense sempre tiveram um apelo significativo entre os leitores, porém, ao longo do tempo a popularidade do gênero tem se tornado maior devido a mudanças culturais e tecnológicas. Em um mundo onde a tecnologia dita o ritmo, a literatura encontrou novas formas de se reinventar. Do e-book ao audiolivro, a relação entre leitores e livros evoluiu significativamente, tornando o acesso a literatura mais acessível e inclusivo para todos. Tais inovações não apenas democratizam a leitura, mas também ampliam as diversas possibilidades de como as histórias podem ser consumidas.

Segundo os estudiosos André Carlos Moraes e Ana Claudia Gruszynski, é possível perceber uma evolução na maneira como os jovens se interessam pela literatura, abordando-a como uma experiência integrada.

Os estudantes observados relataram que tiveram seu interesse por obras literárias despertado por uma variedade de fontes, de trailers de cinema a recomendações de colegas ou professores, e por sua vez efetivaram esse contato e a apropriação dos textos através de toda uma nuvem de suportes e plataformas que, por sua vez, podiam ser



usados isoladamente ou de forma conjugada. (Moraes, A. C.; Gruszynski, A. C, 2019, s/p.)

Esse contato inicial se transformou em uma apropriação dos textos através de uma ampla gama de suportes e plataformas, que podiam ser utilizados isoladamente ou de forma combinada. Essa "nuvem de textos" é comparável à imersão na leitura, em que ocorre um aprofundamento tão significativo no conteúdo que a experiência vai além de uma simples leitura.

Desde o início autores como Agatha Christie, Edgar Allan Poe e Alfred Hitchcock definiram um padrão para as histórias de suspense e mistério, realizando contribuições monumentais a literatura, como a introdução de elementos de mistério e horror psicológico, seus personagens complexos e ambíguos, exploram o lado sombrio da sociedade de maneiras intrigantes, refletindo medos e ansiedades universais que estão presentes até os dias de hoje.

A popularidade do gênero suspense também teve uma grande influência no audiovisual. O cinema e a televisão desempenharam papéis importantes ao adaptar livros para filmes e séries, permitindo que as narrativas de suspense fossem apreciadas por outros públicos, revelando por exemplo, como as adaptações dos *thrillers* de Alfred Hitchcock que elevou a arte da narrativa de suspense e mistério a outros patamares, ao combinar a escrita com a inovação visual do cinema filmes como *Psicose* (1960) e *Um corpo que cai* (1958) inspiraram toda uma geração de cineastas e escritores.

O uso do suspense se revela como uma técnica narrativa poderosa para captar a atenção dos jovens. Ao instigar a curiosidade e a emoção, seja por meio do cinema ou da literatura, sua aplicação é reforçada pelo fato dos *thrillers* citados anteriormente terem recebido classificações indicativas voltadas para adolescentes evidenciando como o suspense pode ser adaptado para públicos mais jovens, estimulando o interesse pela narrativa de mistério.

Para compreender a conexão do suspense e da literatura, é essencial retornar ao início do desenvolvimento da literatura infantojuvenil no Brasil e explorar como foi o processo de evolução para atender às demandas de seu público. Esse contexto histórico ajudará a entender como o suspense se conectou ao gênero e contribuiu para sua consolidação ao longo do tempo.

## **2.1 Contextualização do surgimento da literatura infantojuvenil no Brasil**

Os primeiros passos da literatura infantojuvenil foram dados ao final do século XIX e no início do século XX, marcados por grandes mudanças. Começou ganhando destaque no início da década de 1920 com obras voltadas especificamente para o público de crianças e adolescentes. Para tecer uma visão panorâmica, devemos começar pelo momento em que o Brasil, ainda estava sendo fundamentado pelos padrões europeus, especificamente no que concerne sobre a construção da educação brasileira, seguia-se padrões adotados pelos europeus que refletiam a idealização aceita por Portugal.

Inicialmente, a educação estava restrita a um pequeno grupo privilegiado da elite, consistindo, em sua maioria, em ensinamentos religiosos e morais, legitimados pela atuação dos jesuítas e outros grupos religiosos que promoviam a catequese. Com a expulsão dos jesuítas em 1759 e a subsequente centralização do ensino, as práticas pedagógicas começaram a refletir um modelo mais laico, mas ainda fortemente atrelado aos padrões educacionais europeus.

Desde os jesuítas e seus trabalhos de evangelização até o final do século XVIII, livros e práticas pedagógicas adotados no Brasil seguiam os padrões de intelectualidade e estética literária aceitos pelos europeus, convenientes para a sociedade portuguesa. A partir do século XIX, a literatura para jovens, ainda misturando-se à infantil, começou a ser sistematizada na Europa, e, com a expansão do gênero, passaram a ter espaço na educação brasileira textos traduzidos em Portugal. Esses textos propagavam principalmente elementos culturais da sociedade europeia, moldados pela França e pela Inglaterra. (Gregorin, 2012, p. 15)

Deste modo, a educação acabava por refletir esses modelos importados como um modelo de sucesso e, assim, as abordagens locais ficavam em segundo plano, não obstante deixava de atender às realidades e necessidades do país. Esse fato se torna evidente quando a educação baseada em modelos europeus se mostrava limitada, pois essa só era acessível à elite brasileira, uma pequena parte da população brasileira.

O foco em ideais coloniais servia em grande parte aos interesses da elite colonial e portuguesa. Nesse sentido, ao invés de promover uma formação crítica e inclusiva, perpetuava a sensação de desigualdade social excluindo grande parte da população da educação e por consequência da ascensão social e econômica.

No início do século XIX, conforme registrado por Lajolo e Zilberman (1991) com a implantação da Imprensa Régia em 1808, marca o início da produção editorial nacional. Mesmo que ainda em fase inicial, havia a inspiração de jovens a questionar o sistema, criando assim um ambiente propício para que a voz de jovens fosse valorizada.

O fato de que o movimento romântico carregava certa ênfase na emoção e imaginação fez com que jovens autores explorassem temas sobre rebeldia, amor e natureza. A busca por identidade, a descoberta do amor e lutas sociais contribui para que os jovens se sintam representados e reconhecidos, consequentemente, se aproximem da literatura.

Devemos observar que, mesmo com a imposição dos padrões europeus devido à colonização de Portugal, o processo de amadurecimento da literatura juvenil enfrentava os mesmos obstáculos tanto em Portugal como no Brasil: o de se desvincular da concepção infantil que ainda carregava quando esse evento acontece, a literatura para jovens começa a dialogar com outras culturas trazendo novas concepções sobre o que é identidade.

A literatura infantojuvenil passou a ser reconhecida não só como um meio de entretenimento, mas como uma ferramenta importante para o desenvolvimento social e educacional dos jovens. Assim, autores passaram a incorporar importantes questões sociais nas novas narrativas voltadas à juventude, buscando encorajar os adolescentes a se tornarem mais conscientes e críticos da realidade, questionando normas, preconceitos e desigualdades, e trazendo discussões profundas para a literatura infantojuvenil (Gregorin 2012).

Monteiro Lobato foi uma figura central na história da literatura infantil brasileira, sendo amplamente reconhecido como um dos pioneiros nesse gênero. Suas obras não somente introduziram novas narrativas e novos personagens, mas também trouxeram uma abordagem inovadora ao tratar de questões sociais, culturais e até mesmo educacionais, moldando a literatura para crianças e jovens de uma forma significativa.

Em suas obras, como a famosa série do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, ele criou um espaço onde a imaginação e a realidade se entrelaçam. Suas obras ricas em mitos e folclore, que tinham grande enfoque na cultura brasileira e buscavam valorizar a diversidade cultural do país, em um momento em que a influência europeia ainda era muito forte.

Contudo, seu trabalho não esteve isento de controvérsias. Algumas de suas obras foram censuradas e criticadas por instituições educacionais, que alegavam que ele “se recusava a aceitar os novos padrões estéticos e os temas atuais de uma literatura em constante transformação, [...] fez distanciar o aluno das propostas de atividade oferecidas na e pela educação” (Gregorin, 2012, p. 15). Quando a escola ignorava essas transformações e continuava a promover obras que não dialogavam com o cotidiano e as vivências dos alunos, cria-se um desinteresse e uma educação incapaz de engajar os alunos.

Somente na segunda metade do século XX, com o surgimento de novas diretrizes educacionais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e as iniciativas posteriores, começou a permitir uma inclusão mais rica de temas na literatura juvenil. Assim, assuntos como diversidade étnica, cultural e sexual passaram a ser explorados, permitindo que obras que tratam de questões antes consideradas tabus, fossem incorporadas ao currículo. Esse avanço promoveu uma abordagem mais inclusiva no ensino da literatura.

A LDB passou a valorizar a literatura brasileira e a formação de leitores, o que contribuiu para que obras de autores clássicos, como Monteiro Lobato, continuassem fazendo parte do acervo literário estudado nas salas de aulas. Isso, conseqüentemente, abriu espaço para o surgimento de novas vozes e narrativas, assim como também contribuiu para o desenvolvimento de uma identidade cultural mais rica e inclusiva entre os jovens.

Os jovens imersos em uma sociedade repleta de desafios e transformações, buscam nas histórias literárias não apenas entretenimento, mas também um espaço para compreender e discutir suas realidades. A literatura, por sua vez, tem o potencial de funcionar como um espelho que reflete as diversas facetas da vida juvenil, abordando temas como a busca por identidade, as relações interpessoais e as pressões sociais. Esse diálogo entre jovens e textos literários é crucial, uma vez que permite desenvolver habilidades críticas, promover a empatia e fomentar a consciência social.

A literatura, ao ser um espaço de reflexão e contestação, prepara os jovens para se tornarem cidadãos mais conscientes e engajados, que não apenas consomem cultura, mas também a transformam por meio de suas críticas e criações. Essa dinâmica revela a importância de gêneros narrativos que

despertam emoções e provocam questionamentos, onde podemos destacar o gênero de suspense por dialogar diretamente com a imaginação juvenil.

## **2.2 O suspense nas obras com o público infantojuvenil**

Partindo do início, segundo Reimão (1993) a criação do gênero suspense ocorreu em meados do século XIX por meio de reportagens publicadas em jornais ingleses. A população era faminta por histórias de crimes e assassinatos sem respostas, surgindo assim jornais com grandes tiragens havia seções destinadas a dramas individuais ou crimes raros e inexplicáveis, o mistério que havia nessas histórias agradava bastante os leitores, o que desencadeou a sua popularidade nos jornais, criando um novo espaço para novas narrativas, além de despertar um hábito de leitura cotidiana que até então não existia.

Com o surgimento das grandes metrópoles, as narrativas policiais começaram a espelhar as ansiedades e tensões inerentes à vida urbana. Autores, como Edgar Allan Poe, incorporaram elementos do cotidiano nas suas obras tendo o crime como um tipo de ferramenta para explorar a humanidade.

A ambientação da narrativa é uma característica importante para a narrativa de suspense. Assim, essa está relacionada com a sua criação, os crimes se localizam nas cidades, nas suas ruas, becos e vielas, as multidões quase sempre tão cheias que chegam a ser sufocantes.

Ainda segundo Reimão (1993), Poe foi o primeiro autor a criar um detetive como personagem principal. O protagonista possui características marcantes como intuição e uma mente brilhante que, posteriormente, serviria de influência para outros autores como Agatha Christie com o seu personagem Poirot. Mais tarde, à medida que as histórias de suspense vão se tornando cada vez mais complexas, a resolução dos casos exigia acontecimentos ou interferências mais criteriosos por parte do personagem Detetive, o que requer capítulos mais longos e mais detalhados, explicações mais profundas levando o romance policial a uma nova categoria que exige mais clareza dos fatos.

O suspense é uma ferramenta capaz de criar o enredo da história, construir uma atmosfera de suspense é algo trabalhoso, exige organizar os pontos da história de modo que não fique óbvio demais ou desorganizado a ponto de parecer algo jogado ao acaso. A narrativa vai depender bastante dessa ordem de organização para que tenha um desfecho condizente a história.

Segundo Menon (2008, p. 83), entende-se o suspense como a “criação de uma expectativa ou incerteza dentro do texto. Cabe ao autor saber manejar bem essa ferramenta, podendo prolongá-la mais ou menos e até mantê-la”. Essa definição reforça como o controle do suspense é essencial para a construção da tensão uma vez que o suspense precisa ser utilizado de forma cuidadosa ao longo da narrativa mantendo a coerência do enredo.

Um autor habilidoso sabe dosar o suspense, decidindo quando o intensificar ou mantê-lo de forma sutil ao longo da narrativa. Em certas obras, o suspense pode ser tão preeminente que se torna a essência da obra, definido o estilo do texto que ela é. Por exemplo histórias de mistério o suspense é a chave para impulsionar a trama, além de ser frequentemente associado a gêneros como o gótico, terror e horror, e em cada uma delas o suspense é caracterizado de uma forma, como ambientação sombria, personagens enigmáticos, horrendos que contribuem para a sensação de medo e incerteza.

Desde suas origens a produção do suspense tem evoluído consideravelmente, refletindo a mudanças sociais e culturais na sociedade. Anteriormente, durante o início do século XIX, o gênero era caracterizado por uma estrutura mais clássica, em que o suspense era apresentado em uma atmosfera de mistério de algum evento central que era desvendado e assim gerando o clímax dramático. Escritores como Poe e Christie utilizavam dessa estrutura em que a expectativa era construída cuidadosamente, sem dosar na medida, de modo que a narrativa girava em torno de personagens com características específicas, como protagonistas arquétipos vilões e heróis que enfrentavam dilemas existenciais e emocionais.

Alguns elementos, porém, são voltados para um público mais adulto. Destaca-se a atmosfera mais sombria como castelos antigos, mansões isoladas, florestas e o terror psicológico, frequentemente, ligados ao medo e ao mistério, sendo encontrados em obras da literatura gótica, que explora as profundezas da mente humana e os medos primitivos. Dessa forma, são frequentes personagens complexos com figuras torturadas ou trágicas, que lutam contra forças externas e dilemas morais questionáveis.

Esses temas são frequentemente entrelaçados, contribuindo para um enredo nos quais o medo é constante. Desta forma, pode ser utilizado o

prolongamento do suspense, em que o autor pode estender o momento de revelação de um segredo crucial, aumentando a ansiedade do leitor.

A técnica do *cliffhanger* é amplamente utilizada, a qual cria uma expectativa constante, interrompe uma cena ou capítulo em momentos críticos, se tornando uma ferramenta versátil, não se detém somente a narrativa dinâmica (Svartman 2023). Além de ser frequentemente explorada em séries e filmes, enquanto o público espera por um novo capítulo, o mesmo também se envolve mentalmente ao tentar prever possíveis desfechos para as situações apresentadas, utilizado como ferramenta de suspense contínuo onde o autor pode manter um suspense constante, fazendo o leitor sentir que algo inesperado pode acontecer a qualquer momento ou como suspense como ingrediente. Em histórias de terror, o suspense é usado para criar uma sensação de medo iminente, preparando o leitor para sustos repentinos.

É evidente que há outros elementos que contribuem para criar narrativas que contenham aspectos que além de entreter incentivem o desenvolvimento emocional e social do jovem leitor. Dentro da literatura infantojuvenil a presença de um mistério envolvente tem um papel fundamental na fomentação da curiosidade do leitor, desafiando-o a desvendar enigmas, focar na leitura para não perder as pistas que surgem ao longo da narrativa

Além disso, a presença de protagonistas jovens torna a trama mais próxima ao público-alvo que está direcionada. Marcos Rey, pseudônimo de Edmundo Donato, por exemplo, faz uso de temas simples como amizade, família, coragem e justiça, o que agrega elementos que trazem acessibilidade a obra justamente por ser de fácil compreensão. Essa versatilidade torna a obra versátil e relevante para pessoas de diferentes culturas assim atingindo diferentes pessoas, o que será discutido de forma mais específica no tópico a seguir.

### **2.3 Marcos Rey e a arte do suspense na literatura infantojuvenil**

Ao longo do século XX e XXI o gênero suspense passou por transformações. Martín-Barbero (2003) discorre que o suspense é um efeito da narração, e não de uma linguagem que se concentra sobre si mesmo. Segundo o autor, o suspense não está relacionado às palavras ditas ou na sua estética e sim nas técnicas narrativas utilizadas e no desenvolvimento dos eventos e na

forma como as informações são repassadas ao leitor ou telespectador. Compreende-se que todo efeito narrativo utilizado na narrativa, seja de omissão de informações, da criação de novos cenários, ou de novas expectativas criadas, contribui para manipular a trama sendo essencial para a construção do suspense.

Edmundo Donato só estreou na literatura aos seus 28 anos foi um autor multifacetado e suas motivações podem ser listadas de várias formas como a vida urbana como inspiração assim relata o autor Massaud Moisés:

ganhou renome graças às suas crônicas semanais, que revelavam meandros pouco visitados de S. Paulo [...]: o olhar voltado para a cidade e os seus mistérios, a acuidade na percepção e fixação dos tipos humanos mais representativos do jeito de ser paulistano, expressos numa linguagem desataviada, colhida na fonte popular, repassada de sentimento e empatia pelos humildes, como uma espécie de Balzac dos humilhados e ofendidos, dos marginais, dos boêmios. (Moisés, 2001, p.357)

Nascido em São Paulo em 1925, Edmundo Donato era profundamente inspirado pela metrópole, que serviu de cenário várias obras suas. Donato retratava a vida urbana e suas complexidades e desafios, sendo este uma das inspirações de Rey, além de que sua paixão pela leitura durante a infância, influenciado pelo ambiente literário de sua família, especialmente por seu pai, Luiz Donato, que era encadernador de livros e estimulou seus filhos a lerem.

A profissão de seu pai se tornou parte do título de sua autobiografia, *O Caso do Filho do Encadernador – Romance da Vida de Um Romancista* (1997). Donato narra momentos importantes da sua vida e menciona que sua esposa Palma Bevilacqua também foi de grande ajuda para sua carreira acadêmica, tendo a mesma como coautora em suas obras, além de ter lhe ajudado em um dos momentos mais cruciais de sua carreira quando decidiu ingressar na literatura infantojuvenil ao aceitar o convite de para participar da coleção de literatura juvenil Vaga-Lume pela Editora Ática, despertando assim em milhares de jovens o gosto pela leitura e seu próprio desejo de estimular novos leitores a terem pensamento crítico. Palma incentivou-o a buscar inspiração em suas próprias memórias literárias da adolescência.

Não somente o pai, o restante da família de Donato tinha inclinações com a linguagem. Em sua autobiografia o autor evidencia que:



seu irmão mais velho que publicava poesias numa revista de bairro; sua mãe Marianinha, evangélica, que era leitora da Bíblia e escrevia textos religiosos; seu irmão Sylvio que colecionava romances policiais e tinha vocação para música, assim como Mário, que se especializava em verter letras musicais americanas para o português, fazendo sucesso em festas e eventos. (Rey, 1997, p. 5).

Donato tinha uma forte ligação com a literatura, na qual esse se deleitava com as obras infantis que ganhou de seu pai “acredito ter sido o livro que me ensinou a olhar além do meu nariz, a perder o pudor de me emocionar, a valorizar os pequenos lances de uma narrativa” (Maranhão, 2004, p.39). Essa reflexão menciona que o fez enxergar além da sua própria realidade ampliando sua visão de mundo e destaca o impacto profundo que esse presente teve em sua vida, despertando nele uma paixão pela leitura que duraria para sempre.

Aos onze anos, Edmundo Donato conquistou seu único diploma escolar no Grupo Escolar Conselheiro Antônio Prado, na Barra Funda. Embora sua formação acadêmica tenha sido limitada, isso não impediu sua evolução como escritor e criador. Suas experiências pessoais familiares e a vivência nas ruas de São Paulo moldaram sua narrativa, tornando-a rica em detalhes e repleta de referências ao cotidiano urbano.

Edmundo, nascido em São Paulo, destacou-se como um dos autores brasileiros com um arsenal de obras abundantes, com uma carreira literária que abrangeu contos, romances, crônicas e roteiros para televisão e cinema. Suas obras estão conectadas ao ambiente urbano da metrópole paulista, refletindo a paleta diversificada de personagens e situações que permeiam a vida nessa cidade. Com mais de 5 milhões de cópias vendidas, Marcos Rey lançou cerca de 40 livros, consolidando-se como um dos best-sellers da literatura brasileira.

Entre suas obras mais notáveis estão *Café na Cama* (1960) e *Memórias de um Gigolô* (1968), ambas adaptadas para o cinema e a televisão, com *Memórias de um Gigolô* transformada em uma minissérie na Rede Globo. Outro destaque a sua produção literária voltada a literatura infantojuvenil *O Mistério do 5 Estrelas* (1981) e *Doze Horas de Terror* (1987) Um verdadeiro camaleão da escrita, ele não se limitou apenas à literatura. Rey foi também um roteirista, contribuindo para novelas como *Tchan!* (1976) e *A Moreninha* (1975) de Joaquim Manuel de Macedo, além de scripts para programas de televisão e peças teatrais, foi um dos responsáveis por roteirizar episódios do famoso programa infantil *Sítio do Picapau Amarelo* (1977), baseado na obra de Monteiro Lobato.

Rey teve participações no cinema, mesmo que em produções menos convencionais. Ele mesmo admitiu ter trabalhado em filmes que não tinham a melhor reputação, “Fiz cinema, sim, e cinema da pior qualidade”, (Maranhão 2004, p.15) referindo-se ao seu trabalho no cinema erótico com uma sinceridade bem-humorada. Apesar de suas conquistas artísticas, o autor carregava um fardo pessoal relacionado com a sua saúde. Desde a infância, lidou com a hanseníase, uma condição que na época era envolta em estigmas e preconceitos.

Em 1939 havia caminhonetes rondando pelas ruas de São Paulo de um setor chamado DPL, fazia parte de uma política de saúde pública que priorizava averiguar os portadores da doença e isolá-los, o DLP localizava os por meio de denúncias anônimas e isolavam em locais chamados de asilos-colônia (Monteiro 1995). Esse aspecto de sua vida pessoal influenciou sua perspectiva de vida e na sua sensibilidade ao abordar temas como exclusão e marginalização nas suas obras.

Há duas teorias para a criação do pseudônimo de Edmundo Donato. Na primeira delas, Rey escreveu em sua autobiografia que seu Irmão, Mário Donato, sugeriu que criasse um pseudônimo, para evitar confusões, pois já havia dois Donatos, aventurando-se na escrita, ele próprio e Hernâni Donato um parente da família. Edmundo adotou o nome de Marcos Rei, que logo após mudaria para Rey, tirou o nome da bíblia e o sobrenome da sua bisavó materna, uma italiana chamada Maria del Ré.

Sua bisavó faleceu antes de seu nascimento, sua mãe costumava contar histórias de assombração recontadas pela mãe do autor, marcaram sua infância com medos inesquecíveis, o sobrenome de sua bisavó poderia ser traduzido como “do Rei” ou “dos Reis” Marcos adotou o sobrenome Rey com y devido a erros dos revires ao incluírem o s.

Na biografia escrita por Maranhão o autor cita outra teoria acerca da criação do pseudônimo que teria o fim de manter sua privacidade e continuar sua carreira como escritor, e questiona a própria fala de Edmundo.

A justificativa não se sustenta. Na época, Hernâni tinha vinte anos e Mário publicara somente uma poesia. Eles fariam carreira na literatura, lançariam uma série de livros e seriam eleitos para a Academia Paulista de Letras, mas quem poderia adivinhar? No verão de 1942, nenhum deles era conhecido como escritor fora dos círculos de suas relações. (Maranhão 2004, p.40)

Maranhão levanta a hipótese de que o pseudônimo foi criado como uma forma de despistar as autoridades sanitárias durante o período em que ele viveu. Escondido devido à hanseníase, mesmo não alterando seu registro civil, essa foi uma forma de se manter longe dos holofotes e criar uma nova identidade, assim impediria que a imprensa soubesse sua real identidade e o relacionasse ao passado de sua família, que já tinha sido alvo de investigações do DPL em 1939, o que levou Edmundo a ser internado no asilo-colônia Santo Ângelo.

Apesar da internação, o mesmo não parou de escrever e manter o hábito da leitura. Enquanto esteve no asilo tudo o que foi criado era rasgado, ninguém soube da existência de Marcos Rey o autor mantinha um equilíbrio sutil entre sua identidade verdadeira e seu pseudônimo, o único material que permaneceu em sua posse foi um romance intitulado de *Os cavaleiros da praga divina* (2015) onde abordou sobre a doença hanseníase, porém não relacionava sua experiência pessoal.

Maranhão (2004) levanta mais uma hipótese sobre a saída de Edmundo do asilo, seu irmão, Mário era o único que poderia ter feito algum tipo de interferência, pois era única pessoa influente que conhecia a real condição de Edmundo. Na época, Mário trabalhava como jornalista do Estadão, o mesmo convenceu as autoridades sanitárias para transferir Edmundo para outro asilo modelo, localizado próximo a capital.

Edmundo escapou do asilo em 1945, após cerca de três anos e sete meses de internação. Sua família nunca falou abertamente, nem para outros familiares sobre seu paradeiro. Após a fuga, foi necessário redobrar o cuidado devido às buscas realizadas pela polícia, Edmundo nunca permaneceu em um só lugar por muito tempo, ganhando maior flexibilidade após a fuga em massa de 1.087 internos dos asilos paulistas. Por conta da vasta extensão das propriedades, os asilos eram vulneráveis, já que os funcionários não conseguiam vigiar toda a área, o que facilitou a fuga de muitos internos.

Em 1945, Marcos Rey desembarcava na Estação Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, determinado a deixar o passado para trás. A mudança de cenário representava para ele uma nova oportunidade, especialmente porque a situação dos hansenianos era significativamente mais tranquila do que em São Paulo. Para se sustentar nesse novo território, Rey precisava encontrar maneiras de

custear suas despesas, pois não poderia depender da família. Assim, ele se instalou em um cortiço em um bairro da Lapa, habitado por prostitutas e marginais.

Apesar das dificuldades, a vida no Rio era muito melhor que a que ele havia levado em São Paulo durante o período de internação. Rey frequentava a Biblioteca Nacional, escrevia e, à noite explorava a Cinelândia, e quando recebia pagamentos por algum trabalho, visitava bares de esquinas e se aventurava nos cabarés em busca de algo interessante. Ainda que a vida boêmia, marcada por diversão e trabalhos temporários, não fosse sustentável, ela revelou a real vocação de Rey, escrever sobre as pessoas, de todos os tipos e sobre a vida, permanecendo pouco tempo no Rio voltou para São Paulo em 1946.

A trajetória de Marcos Rey no universo cinematográfico e sua experiência como roteirista, frequentemente motivada pela necessidade de sustento, são elementos que deixaram marcas em sua obra literária. As técnicas que ele aprendeu no cinema não apenas influenciaram seu estilo direto e envolvente, mas também serviram de base para a criação do manual *O Roteirista Profissional* (1989), consolidando sua abordagem estruturada à narrativa.

### 3 ***Cliffhangers*, monomito e arquétipos: conceitos para compreender o suspense**

Neste capítulo iremos discutir conceitos chaves que sustentam a fomentação do suspense dentro da narrativa. Dessa forma, iremos explorar o uso de *cliffhanger*, o monomito - Jornada do Herói - e os arquétipos, ferramentas que podem ser utilizadas de forma individual ou em conjunto, cada uma delas contribuem significativamente para intensificar o suspense.

Antes de abordarmos as ferramentas narrativas, é fundamental entender os elementos que compõem uma narrativa. Entre esses elementos, podemos destacar o enredo, os personagens, o tempo, espaço e o narrador, que juntos formam o alicerce da construção da narrativa. Quando conectados, esses elementos ganham profundidade, cada um deles apresenta singularidades de acordo com as escolhas estilísticas do autor.

O enredo é a sequência de eventos que formam a estrutura de uma narrativa. Trata-se de todo contexto do desenrolar da história, que envolve a introdução, o clímax, os conflitos e a conclusão, ela estabelece o conflito central da história que pode ser interno dentro de um personagem, ou externo, atrelado entre os personagens ou forças externas.

A trama pode ser arquitetada por meio de técnicas, como exemplo a utilização de *flashbacks*, que podem revelar motivações ou eventos passados que impactam o presente e também *flashforwards* que revelam eventos futuros gerando interesse do leitor. Outras técnicas incluem o desenvolvimento de subtramas que complementam ou contrastam com a trama principal e o uso de *cliffhangers* criando expectativas e incorporando elementos de mistérios que podem ser revelados gradualmente ao longo da narrativa.

No caso dos personagens, os diálogos e monólogos são essenciais para explorar seus traços psicológicos, conflitos internos e anseios, permitindo a criação de um arco narrativo conectando-os organicamente com o enredo, onde eles mudam e crescem ao longo da narrativa, promovendo a conexão emocional do público com o progresso do personagem.

O enredo também contribui para o desenvolvimento dos personagens e constrói situações onde que mesmo em um contexto ficcional, se mostram realistas ou trazem reflexão, ele passa por situações que levam o leitor a julgar suas ações e se colocar no lugar do personagem, se perguntado se ele faria o

mesmo. Suas motivações e decisões ainda que possam ser questionáveis seguem um arco narrativo que tem o poder de destacar seu desenvolvimento emocional e moral, que está atrelado a jornada do herói.

O tempo é um elemento essencial na narrativa que influencia diretamente na percepção dos eventos, a manipulação do tempo, com as ferramentas de *flashbacks* e *flashforwards* são utilizadas para ajustar o desenrolar da história. A escolha entre um tempo linear ou não linear está profundamente ligada ao estilo narrativo do autor e a sua intenção ao contar a história.

Especialmente no gênero de suspense, um texto não deve apenas seguir a linha de uma boa história, mas também deve conter uma narrativa bem elaborada de estrutura, enredo, desenvolvimento de personagens e ferramentas que fomentam a tensão e o suspense. Além disso a narrativa deve refletir os temas centrais da história criando uma coerência temática, fortalecendo a mensagem que o autor deseja transmitir.

O roteiro de uma novela, por exemplo, segue essa mesma linha de pensamento. A novela ou série é criada a partir de um texto, esse texto serve como base para a produção da novela e a escrita do roteiro é uma parte fundamental na formação da narrativa. Marcos Rey postula sobre em seu livro *O Roteirista Profissional* (1989), em que ele aborda as principais diretrizes e técnicas para a criação de roteiros, focando especificamente nas produções televisivas, o mesmo faz argumentações acerca da importância de uma estrutura bem definida.

O tema, porém, é o núcleo, a máquina que puxa ou impulsiona o enredo. Determina-o. O plot de sua história está bem definido? Ele possui gás, força, conteúdo para ser explorado, sem repetições ou lacunas, até o final do roteiro? Às vezes a precipitação, a queima rápida de situações ou conflitos faz com que ele logo se esgote, já tendo dado tudo que tinha para dar, quando conseqüentemente a ação ou tensão rareia e o interesse se esvai. (Rey, 1997, p.21)

O *plot* bem definido possui a carga necessária para ser explorado ao longo da narrativa, evitando repetições e lacunas que podem ser prejudiciais à trama. No entanto é necessário ter cuidado durante a criação do roteiro ou texto, pois a precipitação na resolução de conflitos pode fazer com que a história acabe rápido demais, esgotando seu potencial, conseqüentemente levando a perda do interesse do leitor. Nesse sentido podemos analisar algumas ferramentas na sustentação da narrativa desde o início até o último momento do texto.

Para manter uma narrativa vibrante e cativante, é necessário usar mecanismos que garantam fluidez e emoção. Ferramentas como o *cliffhanger*, o monomito e os arquétipos desempenham papéis essenciais na construção de histórias impactantes. Cada uma dessas técnicas contribui de uma forma para prender o leitor à trama, seja pela tensão de um *cliffhanger*, pela jornada do monomito ou pela profundidade emocional dos arquétipos. É necessário entender como e quando aplicá-las pode transformar o enredo em uma obra memorável. Vamos explorar como essas ferramentas narrativas funcionam e de que forma elas são aplicadas.

### 3.1 O Impacto do *Cliffhanger* na Narrativa

O termo *cliffhangers*, traduzido para o português significa gancho, tal expressão teve seu início a partir de uma cena do romance do inglês Thomas Hardy, *Um par de olhos azuis*, publicado em forma de folhetins na *Tinsley's Magazine*, em 1873. Um personagem, durante uma caminhada, ao final de um episódio, literalmente à beira de um abismo, foi salvo logo após pela mulher que lhe acompanhava, que rasgou suas próprias roupas para fazer uma corda e resgatá-lo (Nussbaum, 2012).

Já o uso da técnica antes de receber a conceituação de fato, vem de muito antes. A aplicação mais antiga da técnica foi no livro *Mil e uma Noites*, desenvolvido nos séculos VII ou IX. A narrativa envolve romances e traições. O sultão Shariar movido pelo sentimento de ódio, por conta da traição, decide se casar com virgens e matá-las na manhã seguinte após a noite de núpcias. Sherazade em um momento de coragem e sororidade decide então se casar com Sultão para salvar as outras mulheres do reino.

Durante a primeira noite, com a permissão do sultão, ela conta à irmã uma história que é interrompida em seu momento de clímax. O conto desperta a curiosidade do sultão, que permite que Sherazade viva mais um dia para que, à noite, continue a história, que é então seguida de outra interrupção. A estratégia se repete durante mil e uma noites até que o sultão, desiste de matar Sherazade e suspende o seu plano de vingança.

As interrupções na história tinham um objetivo específico: a técnica utilizada por Sherazade atraía a curiosidade de Shariar, mantendo-o preso

dentro da atmosfera criada. Era criada uma ligação emocional que tinha o poder de transformar o personagem. As finalizações bruscas dos capítulos mostravam-se uma ferramenta eficaz na criação de suspense e engajamento do leitor ou interlocutor, prendendo a atenção em cada capítulo (Serelle, 2024).

Os folhetins utilizavam o *cliffhanger* para criar um mistério ao final de cada capítulo, atraindo o leitor e despertando seu interesse pela continuação da história. Essa estratégia gerava uma expectativa e estimulava o leitor a comprar a próxima edição, o que tinha um forte componente comercial.

Contudo, além dos fins comerciais, essa técnica também permite algumas aberturas para o leitor/espectador, para que ele participe da história, atribuindo significados a ela, uma vez que, ao ser apresentado a uma sequência de enigmas, esse leitor é colocado em uma posição semelhante à do detetive. (Leszczynski, Soares, 2024, p. 559)

Ao ser apresentado a uma série de mistérios, o leitor ou espectador não apenas tenta desvendar os acontecimentos passados, mas também é convidado a interagir ativamente com a trama. Esse envolvimento vai além dos aspectos comerciais que visam especificamente o consumo contínuo da série.

O que vai definir se o público será capaz de se envolver emocionalmente com a narrativa é a verossimilhança e a coerência que a narrativa carrega. Quando uma obra, seja ela literária ou audiovisual, consegue atingir esse equilíbrio, consegue criar um ambiente ficcional aceitável para o público, isso revela o quanto a sequência de eventos da narrativa precisa ser bem estruturada, garantindo a conexão entre os eventos e a imersão do espectador.

A estratégia narrativa que coloca o leitor ou espectador como detetive é bastante presente em produções de influência norte-americana, como séries de televisão. Cada peça do enigma, ganha um significado, pois o público está constantemente esmiuçando informações e especulando sobre os próximos passos, mantendo a tensão e o engajamento ao longo de toda a trama.

O uso do *cliffhanger* transcende os folhetins e tornou-se uma estratégia narrativa amplamente utilizada na indústria cultural, encontrando um terreno fértil especialmente nas produções televisivas. Séries renomadas como *Breaking Bad* (2008) exemplificam a aplicação eficaz de uma verossimilhança e coerência narrativa, técnicas como o *cliffhangers* foram amplamente utilizadas, marcando momentos de alta tensão, como o episódio "*Gliding Over All*" que termina com



Hank Schrader lendo o livro *Leaves of Grass* e percebendo que "*Heisenberg*" é seu próprio cunhado, Walter White, um dos episódios épicos da série.

A criação de *cliffhangers* exige uma combinação de criatividade e estratégia, Marcos Rey argumenta que os cortes e ganchos devem ser claros e impactantes, contribuindo para o enredo em vez de confundi-lo.

Mesmo livros com muita ação têm capítulos monótonos ou vazios. O que importa é que ela seja uma obra inteira, redonda, completa, sem evidenciar amputações, cortes por falta de tempo, saltos desconcertantes e buracos entre as sequências. (Rey, 1997, p.59)

É natural que existam capítulos que possam parecer menos emocionantes. Isso ocorre porque esses momentos de pausa ou monotonia podem servir de propósitos importantes, como aprofundar personagens, explorar temas ou preparar o leitor para os eventos mais intensos, por isso é necessário saber como implementar certas técnicas. A gestão do ritmo da história é crucial, uma narrativa rápida e sem pausas pode perder eficácia assim como pode ser considerada muito lenta, a dosagem é fundamental.

### 3.2 A Jornada do Herói: Estrutura e Gestão do Ritmo Narrativo

A gestão do ritmo narrativo encontra uma correlação na estrutura do Monomito, que organiza os eventos da narrativa, assim como a narrativa necessita de momentos de pausas para desenvolvimento do personagem a Jornada do Herói pode intercalar esses momentos de ação e calma, permitindo melhor aproveitando do arco do personagem. Essa alternância de momentos além de ser essencial para o gerenciamento do ritmo da história pode ser uma ferramenta capaz de criar o esqueleto narrativo da história.

Criado por Joseph Campbell, o monomito foi popularizado através de seu livro *O Herói de Mil Faces* (2003), Campbell postula que muitas histórias de diversas culturas seguem um padrão narrativo comum, o qual ele denominou de A Jornada do Herói, criando uma teoria que até hoje influencia muitos escritores e cineastas.

A Jornada do Herói, pelo que eu descobri, é mais do que apenas a descrição de padrões ocultos de mitologia. É um guia útil para a vida, principalmente a vida de um escritor. Na perigosa aventura de minha própria escrita, fui vendo que os estágios da Jornada do Herói iam aparecendo da mesma forma confiável e útil com que surgiam nos livros, mitos e filmes. (Vogler, 2006, p. 28.)

Desta forma a Jornada do Herói transcende seu papel com padrão narrativo a ser seguido e passa a ser objeto de reflexão de nossas próprias jornadas. o escritor também enfrenta problemas de inspiração como bloqueios e superação, atrelar esses estágios da escrita ao mundo real como guia oferece ao autor uma motivação para continuar seu caminho de escrita.

Campbell organizou a jornada do herói em uma série de 12 etapas típicas. Em primeiro momento para uma visão panorâmica, incluem-se:

1. Mundo Comum 2. Chamado à Aventura 3. Recusa do Chamado 4. Encontro com o Mentor 5. Travessia do Primeiro Limiar 6. Testes, Aliados, Inimigos 7. Aproximação da Caverna Oculta 8. Provação 9. Recompensa (Apanhando a Espada) 10. Caminho de Volta 11. Ressurreição 12. Retorno com o Elixir. (Vogler, 2006, p. 36)

Cada um desses estágios pode ser adaptado e interpretado de diversas maneiras dependendo da história que estamos analisando, porém servem de base para melhor compreensão da análise. Os estágios são responsáveis pela alternância de momentos contribui para a eficácia narrativa, proporcionando pausas estratégicas e ápices dramáticos.

A estrutura não deve chamar a atenção, nem deve ser seguida com rigidez demais. A ordem dos estágios que citamos aqui é apenas uma das variações possíveis. Alguns podem ser eliminados, outros podem ser acrescentados. Podem ser embaralhados. Nada disso faz com que percam seu poder. (Vogler, 2006, p. 47)

Ao permitir que seus estágios sejam alterados, adicionados ou eliminados, a Jornada do Herói se adapta à singularidade e necessidade de cada história, mantendo sua essência e a capacidade de se conectar emocionalmente com o público-alvo. Não é a estrutura que cativa o público e sim a maneira como ele se identifica com os detalhes da história criadas pelo autor.

Utilizando os conceitos de Campbell, produtores podem recorrer à Jornada do Herói como um guia prático, não apenas para criar novas histórias, mas também para identificar e corrigir furos e inconsistências em seus roteiros. No entanto, essa estrutura deve servir como referência, e não como um modelo a ser seguido rigorosamente. Afinal, o próprio título do livro de Campbell — *O Herói de Mil Faces* (2003) — reforça a ideia de que cada narrativa assume formas e perspectivas diferentes dependendo da cultura a qual está inserida.

Como observado, o monomito se tornou uma ferramenta importante na indústria cinematográfica. Essa aplicabilidade da ferramenta demonstra o impacto universal do monomito se tornando um mecanismo organizacional

capaz de estruturar narrativas que expressam a culturalidade e que sejam comercialmente bem-sucedidas.

Elucidar cada estágio da Jornada do Herói ajudará na compreensão do porquê a ferramenta se tornou tão famosa e demonstrará como ela funciona na prática, na análise da obra referida neste trabalho.

Quadro 1 Estágios Jornada do Herói

| ESTÁGIO                       | DESCRIÇÃO                                                                                                                              |
|-------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Mundo Comum                   | O Mundo Comum é o ambiente inicial do herói, sua zona de conforto antes da jornada.                                                    |
| Chamado à Aventura            | O herói recebe um chamado e precisa deixar seu Mundo Comum para enfrentar desafios.                                                    |
| Recusa ao chamado             | Antes de embarcar na aventura o herói pode recusar o chamado                                                                           |
| Encontro com o Mentor         | O Mentor é alguém que ensina ou apoia o herói de maneira significativa para sua trajetória.                                            |
| Travessia do Primeiro Limiar  | O herói aceita o chamado e embarca na aventura, pronto para sua transformação.                                                         |
| Testes, aliados e Inimigos    | Já no Mundo Especial, o herói inicia a sua trajetória enfrentando dilemas, percalços, criando laços de amizade e enfrentando inimigos. |
| Aproximação da Caverna Oculta | Nesse estágio o herói se prepara para enfrentar um desafio maior                                                                       |
| Provação                      | Durante a provação o herói enfrenta seus medos e desafios                                                                              |
| Recompensa                    | Após a provação, o herói conquista uma recompensa, símbolo de sua vitória e crescimento.                                               |
| Caminho de Volta              | O herói enfim retorna para o mundo comum o que se trata de mais uma jornada.                                                           |
| Renascimento                  | A ressurreição representa a morte simbólica do herói e seu renascimento, transformado pela sua jornada.                                |
| Retorno com o Elixir          | O retorno do herói com a sabedoria.                                                                                                    |

Fonte: A autora, 2025

No início da narrativa, o herói vive em um ambiente familiar conhecido como o Mundo Comum, que serve como a premissa para criar uma contraposição ao Mundo Especial. Essa etapa inicial é fundamental para expor a rotina e a realidade do personagem antes de sua transformação.

Um exemplo inserido na literatura brasileira que se encaixa bem nesse primeiro estágio da Jornada do Herói, é o início de *Capitães da Areia* 1937, de Jorge Amado. No começo da obra, é retratado o cotidiano dos jovens protagonistas, que vivem nas ruas de Salvador. Esse ambiente inicial, é marcado pela pobreza e marginalidade, é o "mundo comum" deles, essa familiaridade prepara o terreno para as transformações que os protagonistas irão passar.

O primeiro grande impulso ocorre com o Chamado à Aventura, momento em que o herói é convocado a deixar sua rotina habitual, por meio de uma jornada, crise ou algum evento que indique que mudanças estão por vir. Essa convocação oferece uma oportunidade de crescimento, embora o herói possa inicialmente recusar o chamado devido ao medo de mudanças, refletindo sua hesitação natural diante do desconhecido e a possibilidade de que não haja poder de escolha.

O Encontro com o Mentor surge nesse momento como uma figura que ensina ou apoia o herói de maneira significativa, fornecendo-lhe ferramentas, motivação ou conhecimentos necessários para enfrentar os desafios seguintes. Essa figura pode se materializar de várias formas como um amigo, um sábio, um mestre e, em alguns casos, um parceiro amoroso.

Quando o herói decide aceitar o desafio, ocorre a Travessia do Primeiro Limiar, indicando o comprometimento total com a aventura, pronto para enfrentar as consequências e os problemas que se apresentarem. A partir desse ponto, inicia-se a fase de Testes, aliados e Inimigos, onde o herói enfrenta dilemas, percalços, e forma laços de amizade, além de confrontar inimigos, criando um ambiente propício ao desenvolvimento do personagem.

Um outro excelente exemplo da Travessia do Primeiro Limiar é *Grande Sertão: Veredas* (1956), de João Guimarães Rosa. O protagonista, Riobaldo, inicia sua jornada como um jagunço comum, mas sua travessia ocorre quando decide se tornar chefe do bando e enfrentar seu maior inimigo, Hermógenes.

A partir desse ponto, Riobaldo é testado em sua liderança, enfrenta dilemas morais, formar alianças com outros jagunços e encara profundas questões existenciais sobre destino, o bem e o mal. Conforme Silva destaca “a travessia se dá com a marca humana da coragem de viver entre as angústias, as armadilhas do instante, da possibilidade e do que configura a fé” (Silva, 2021,

p. 80). Sua trajetória é repleta de desafios que moldam seu caráter e o levam a um entendimento mais profundo sobre si mesmo e o mundo ao seu redor.

O protagonista, Riobaldo, inicia sua jornada como um jagunço comum, mas sua travessia ocorre quando decide se tornar chefe do bando e enfrentar seu maior inimigo, Hermógenes. A trajetória de Riobaldo é repleta de desafios que moldam seu caráter e o levam a um entendimento mais profundo sobre si mesmo e o mundo ao seu redor.

No estágio seguinte, o herói entra na Caverna Oculta, um momento que se prepara para enfrentar um desafio maior, podendo envolver um local físico ou psicológico, onde há confrontos com medos profundos, conflitos internos ou uma batalha decisiva. É neste ponto que o herói enfrenta suas maiores provas, levando-o ao limite e provocando seu amadurecimento, de modo que, após a provação, ele já não é mais o mesmo de antes. A Recompensa é obtida após essa fase de intensa luta, sendo algo de grande significado para o herói, o prêmio por vencer os obstáculos e desafios impostos.

O retorno ao Caminho de Volta marca uma nova etapa, a retomada da rotina com as experiências adquiridas durante a jornada. Contudo, essa fase pode envolver perigos iminentes, emboscadas ou obstáculos impostos pelos antagonistas. O Renascimento simboliza uma morte simbólica do herói e seu subsequente renascimento, onde ele é transformado pela experiência vivida.

Para finalizar o ciclo, o herói traz consigo o Elixir, que pode ser representado de diversas formas, dependendo do contexto: conhecimento, cura, esperança, uma nova perspectiva de vida ou a resposta que ele buscava inicialmente. Essa etapa representa a conclusão da jornada de transformação, com o personagem apresentando-se renovado e preparado para o próximo capítulo de sua trajetória.

Ao compreender as etapas da jornada, identificamos os arquétipos que representam figuras fundamentais, fortalecendo a conexão emocional com o leitor ou espectador. Tal relação aprimora a eficácia narrativa, evidenciando como a combinação entre estrutura e arquétipos cria histórias envolventes e universalmente identificáveis.

### **3.3 Arquétipos: aspectos psicológicos e seus efeitos para a narrativa**

Os arquétipos são pilares essenciais na psicologia analítica de Carl Gustav Jung, pois destaca como certos padrões universais moldam a psique humana e influenciam seus comportamentos, emoções e percepções ao longo da trajetória da humanidade. Segundo Jung (2016), os arquétipos representam imagens primordiais, presentes no inconsciente coletivo, que são originadas de experiências comuns a toda a espécie humana, independentemente da cultura ou época na qual ela está inserida.

No entanto, os arquétipos não são apenas traços ou imagens transmitidas geneticamente de geração para geração, mas predisposições psíquicas, inatas do inconsciente coletivo. Atuando como molduras que orientam a maneira de como as experiências humanas se expressam, essas podem se alterar ao longo da vida, como é apontado a seguir:

os arquétipos aparecem sob uma forma que revela seguramente influência da elaboração consciente, a qual julga e avalia. Sua manifestação imediata, como a encontramos em sonhos e visões, é muito mais individual, incompreensível e ingênua do que nos mitos, por exemplo. (Jung, 2016, p. 21)

A cultura e a arte, ao elaborar conscientemente esses padrões, reinterpretam os arquétipos para integrar suas mensagens à história e às crenças coletivas. Esse processo tem por objetivo transformar e integrar os padrões arquétipos à história, às crenças, resultando em manifestações mais elaboradas e acessíveis a compreensão social em coletivo. Em contrapartida, a manifestação nos sonhos e visões pessoais permanece mais ingênua e subjetiva para nível de compreensão, exigindo conhecimento simbólico para decifrá-las.

O estudo da psicologia sugere que a consciência é o primeiro passo para a compreensão da mente humana, a esfera da mente daquilo que estamos diante, ciente de sua existência enquanto o inconsciente “não pode ser diretamente explorado por estar a um nível desconhecido, ao qual não temos acesso.” (Jung, 2016, p. 03). Somente após entender sobre a consciência, a psicologia deve direcionar seu estudo nas profundezas do inconsciente.

A consciência do ego é, portanto, o meio pelo qual pode se dar a investigação psicológica, de modo que o conhecimento a respeito de qualquer coisa sempre se acontece mediado pelas capacidades e limitações intrínsecas à consciência. (Bonfatti et al., 2018, p. 537).

A compreensão da psique humana parte da consciência e avança para o estudo do inconsciente, em que símbolos, sonhos e fantasias revelam aspectos

ocultos da mente. Da mesma forma, na construção narrativa, especialmente no suspense, a conexão entre leitor e personagem acontece por meio de camadas de significado, emoções e mistérios a serem desvendados. Esse vínculo genuíno fortalece a imersão do leitor na história, assim como o processo de investigação psíquica aprofunda a compreensão sobre a mente humana.

Ao tratar técnicas narrativas contemporâneas, existem várias definições de técnicas de suspense. Uma delas é a conexão entre leitor e personagem, onde o elemento principal é a criação de um vínculo genuíno. Essa ligação acontece por meio de camadas de significado, emoções e mistérios a serem desvendados, aprofundando a imersão do público na trama.

Segundo Vogler (2006), podemos definir a importância dos personagens na criação do vínculo com o leitor. Personagens com personalidades "universais" são definidos como "arquétipos". Esses personagens, que possuem uma verossimilhança com o leitor e compartilham uma identidade parecida, fazem com que o vínculo seja criado com facilidade.

A teoria sugere que personagens arquetípicos intitulados de heróis, mentores, aliados, sombra, possuem características singulares, onde cada um desempenha uma função específica na história. Segundo o autor, a definição identitária dos personagens impacta sua trajetória, sendo as questões identitárias fundamentais o desenvolvimento psicológico do personagem e sua função dramática na narrativa.

Na construção de uma história, cada autor age de uma maneira e tem seu processo criativo e forma de escrita. No entanto, definir pontos básicos do personagem é essencial, pois essa pré-formação será fundamental para a narrativa.

Utilizar a perspectiva dos arquétipos de Carl Jung na análise de uma obra de suspense pode revelar aspectos profundos da psique humana, especialmente em relação ao medo, à tensão e a dualidade do ser humano na tomada de decisões questionáveis. Assim o suspense não se torna apenas um gênero de tensão narrativo, mas também um aliado que pode explorar os mistérios da própria mente humana, o embate entre o medo e a razão expõe o dilema entre instinto e lógica, demonstrando como emoções intensas podem influenciar nossa capacidade de analisar e interpretar eventos.

Na construção da narrativa, tudo que está inserido ao texto tem um papel valioso, a simbologia contida na ambientação conhecida como imagens arquetípicas que remete a padrões universais que se manifestam em mitos e sonhos.

Segundo Jung (2016), as imagens arquetípicas não são meras representações herdadas, mas sim a potencialidades herdadas do surgimento de representações psíquicas semelhantes. Elas se manifestam espontaneamente, mas podem sofrer mudanças de acordo com as circunstâncias do que acontece externamente.

Por exemplo, a escuridão frequentemente representa o desconhecido, momentos de dúvidas ou atitudes moralmente questionáveis. Enquanto as portas trancadas evocam segredos, limitações ou verdades escondidas. Os ambientes também possuem significados simbólicos, como a igreja, que representa o caminho para a cura, a redenção, a esperança, a conexão e o fortalecimento espiritual.

Essas imagens arquetípicas funcionam como códigos universais que, ao serem inseridos em uma narrativa, podem fortalecer significativamente a mensagem transmitida. Por serem símbolos universais, a narrativa adquire uma percepção mais reconhecível e impactante, já que elas são compartilhadas por diferentes culturas, estimulando a reflexão e o engajamento do leitor, pois acionam pontos inconscientes da psique humana.

Assim, os arquétipos não apenas estruturam histórias envolventes, mas também funcionam como ferramentas estratégicas para aprofundar a experiência narrativa e explorar as complexidades da mente humana. Desse modo, essas estratégias são exploradas pelo autor Marcos Rey, o que será abordado no capítulo seguinte a partir da obra *Doze Horas de Terror*.



#### 4 Doze Horas de Terror: efeitos da narrativa de suspense

Lançado na série Vaga-Lume, *Doze Horas de Terror* mergulha o leitor em um enredo de suspense e mistério, acompanhando Júlio, um jovem recém-chegado à metrópole de São Paulo. A obra constrói uma atmosfera de tensão crescente, conduzindo o protagonista por uma jornada inesperada e desafiadora.

A trama se desenrola a partir do momento em que Júlio retorna do trabalho e encontra o apartamento que divide com seu irmão Miguel completamente revirado. No entanto, o que à primeira vista poderia parecer um simples roubo logo se mostra uma situação muito mais enigmática, uma vez que nenhum objeto de valor foi levado. Esse detalhe desperta ainda mais suspeitas, tornando o desaparecimento de Miguel um mistério que exige respostas urgentes.

O ponto de virada ocorre quando Júlio recebe um telefonema inesperado de Ruth, uma mulher que se apresenta como namorada de Miguel, algo que até então ele não sabia da existência. Esse contato não apenas introduz um novo personagem à trama, mas também impulsiona a narrativa para uma intensa busca pelo paradeiro de Miguel. Júlio e Ruth se veem obrigados a unir forças, mesmo sem se conhecerem, e logo percebem que sua investigação os conduz a revelações de segredos ocultos, descobertas emocionais inesperadas e situações de perigo iminente.

O que deveria fazer se a moça do telefonema não aparecesse? Zanzar pelas ruas, sem destino? Enfrentar o perigo voltando ao apartamento? Ou procurar a polícia apesar de desaconselhado? Leve, alguém por trás lhe tocou o ombro. — Me chamo Ruth — disse uma jovem. (Rey, 1995, p. 15)

Dessa forma, encerra o primeiro capítulo, com Júlio e Ruth se encontrando no metrô. Júlio chega ao local assustado e desorientado, quando Ruth lhe toca o ombro e o aborda. O capítulo termina de forma abrupta, criando uma quebra repentina que torna inevitável a continuidade da leitura no próximo.

A organização temporal reforça o ritmo acelerado da narrativa, ampliando a sensação de urgência e suspense, a estrutura da obra não apenas mantém o dinamismo da história, mas também contribui para a construção de uma experiência imersiva, na qual o tempo e o espaço se entrelaçam para potencializar o impacto da narrativa.

Os capítulos são intitulados de acordo com o horário em que a história se desenrola. O primeiro capítulo, chamado “Depois das Seis”, refere-se ao horário habitual em que as pessoas deixam o trabalho e retornam para casa, a partir dessa relação o autor estabelece uma relação direta entre a passagem do tempo e o desenvolvimento da trama. Esse recurso faz com que o leitor tenha a sensação de que está acompanhando os eventos quase em tempo real, criando um efeito de imersão na narrativa.

Embora essa característica não seja comumente utilizada na literatura, sua presença é marcante no audiovisual, especialmente em séries de TV como *24* (2001), onde cada episódio representa uma hora do dia, reforçando o caráter de tempo real da narrativa. Outro exemplo mais recente é *The Pitt* (2025), que também adota essa estrutura cronológica rigorosa para guiar o desenvolvimento da trama.

A utilização desse recurso na literatura demonstra como as fronteiras entre os meios narrativos podem se mesclar, proporcionando uma experiência imersiva, semelhante à encontrada no cinema e na televisão. A estrutura narrativa cronológica estabelece um ritmo dinâmico, tornando a leitura mais envolvente e permitindo que os leitores experimentem uma sensação de urgência e progressão de eventos de forma natural, fortalecendo a dramaticidade da obra. Esse recurso também revela como as estruturas narrativas transcendem barreiras culturais e se adaptam a diferentes formatos de *Storytelling*.

A progressão temporal do enredo ocorre ao longo de doze horas, com a narrativa conduzida em terceira pessoa, o que reforça a objetividade e a tensão da trama, esse recorte temporal compacto cria uma dinâmica intensa que se reflete na sua ambientação.

A cidade de São Paulo, com seu ritmo frenético e em constante movimento, se torna um cenário ideal para essa narrativa acelerada. Até mesmo o uso de locais urbanos como o metrô, ruas movimentadas e boates cheias de pessoas reforça a sensação de pressa e imprevisibilidade, criando uma atmosfera de tensão que se alinha com a urgência dos acontecimentos.

A narração em terceira pessoa permite que o leitor tenha uma visão mais ampla do ambiente e seus detalhes, o autor descreve a cidade criando um plano de fundo sensorial que torna possível construir a imagem cinematográfica em

que o leitor visualiza claramente os espaços e os efeitos que a ambientação tem sobre os personagens.

Ainda acostumado à paz do interior, ao voltar do trabalho bastava avistar aquele imenso prédio cinzento e ele já se sentia deprimido. Junto do confuso visual da região, vinha agregado o mau cheiro quase centenário do mercado, sobressaindo-se o de peixes, entranhado no ar e em tudo. As próprias pessoas que residiam nas imediações, ou que simplesmente por elas transitavam, davam a impressão de exalar um odor nefasto. A cidade, ali, apodrecia. (Rey, 1995, p. 9)

Além disso, a narração possibilita que o leitor acompanhe não apenas as ações dos personagens, como também o impacto do ambiente sobre eles, seja uma rua escura transmitindo insegurança quanto o ambiente ao redor deixando um sentimento obscuro.

Dessa forma, a ambientação deixa de ser somente cenário e sim um elemento que faz parte da história, uma característica recorrente nas obras de Marcos Rey, “é o protagonismo da cidade de São Paulo, descrita com vivacidade, enquanto os personagens percorrem suas ruas” (Gerace, 2024 p. 29). O autor dialoga diretamente com a urbanização de São Paulo, refletindo suas dinâmicas sociais, espaços urbanos e os desafios que emergem em uma metrópole em constante movimento.

Tive de ficar na rua.  
— Você foi uma menina de rua?  
— Fui, dormi muito em bancos de jardins, portas de igreja e debaixo de viadutos. À noite é que se sabe como esta cidade é fria e perigosa. Mais de uma vez quase fui estuprada. (Rey, 1995, p. 26)

Marcos Rey traz uma carga emocional profunda e revela a dura realidade da marginalização urbana. A fala de Ruth não expõe somente sua experiência pessoal, mas também deixa explícito a vulnerabilidade do ambiente urbano na vida daqueles que vivem à margem da sociedade, daqueles que não tem escolha onde situações de vulnerabilidade lhe são impostas.

Ao longo de suas 128 páginas, a obra transmite uma intensa carga emocional, adaptada ao público jovem e moldada por elementos como suspense, medo, incerteza e os dilemas morais enfrentados pelos personagens. A narrativa de Marcos Rey não apenas envolve o leitor na busca por Miguel, mas também mergulha em temas profundos, como vulnerabilidade social, perigo urbano e os desafios de sobreviver em uma metrópole como São Paulo.

#### 4.1 *Cliffhanger*: Suspense a Cada Página

O *cliffhanger*, como recurso narrativo, é empregado na obra de forma equilibrada, garantindo que a tensão e o suspense sejam mantidos sem comprometer o ritmo da leitura e sem exageros. Sua dosagem precisa evitar que a narrativa se torne previsível ou excessivamente fragmentada, permitindo que o leitor avance de capítulo em capítulo com um envolvimento contínuo.

Mesmo que o recurso de corte seja utilizado para instaurar o suspense e criar reviravoltas inesperadas, ele em algum momento pode se tornar um elemento previsível na narrativa, isso acontece porque o leitor já está familiarizado com o ritmo e o estilo de escrita do autor. Percebe-se que outras obras de Marcos Rey seguem o mesmo estilo, especialmente as obras da coleção Vaga-Lume, na qual o autor teve que se adequar à limitação de escrever livros com menos de 150 páginas e ao fato de que as obras eram voltadas ao público infantojuvenil.

Utilizando a imersão do ambiente urbano e a estruturação por horários específicos reforçam essa dosagem precisa, tornando os momentos de corte naturais, mas ainda impactantes. Durante o decorrer do capítulo o autor constrói o suspense de forma gradual e sutil.

Somente após o telefonema percebeu o quanto estava cansado. Tensão exaure mais que qualquer esforço muscular. Estava esgotado, fraco, e com dores agora concentradas no ombro. Mas se saíra bem na batalha. (Rey, 1995, p. 84)

Em vez de revelar explicitamente que há algo de errado fisicamente com Miguel, o autor introduz pistas sutis na descrição de sua exaustão e do desconforto físico que ele está sentindo. Embora Miguel tenha passado por uma situação fisicamente intensa, o desgaste psicológico foi tão severo quanto, ou até maior, do que o esforço físico que ele sofreu.

O senhor se machucou?  
— Eu?  
— Seu ombro está sangrando.  
Miguel levou a mão à parte traseira do ombro e quando a retirou, molhada, viu que era sangue. (Rey, 1995, p. 85)

Esse trecho exemplifica como o *cliffhanger* é aplicado de forma habilidosa, os sinais sendo entregues de maneira implícita. O *cliffhanger* não apenas cria o suspense, mas também orienta a experiência de leitura, conduz o público para que o enredo seja apresentado da maneira que o autor deseja, Rey poderia dar

todas as cartas à mesa, porém é mais vantajoso entregar os sinais com sutileza, preparando o terreno para um desfecho inesperado, “o recurso é, portanto, um tipo de embreante, que permite ao espectador passar o enunciado à enunciação, da história contada ao modo como ela é contada.” (Serelle, 2024, p.166)

O modo como ela é contada desempenha um papel essencial na forma como o leitor vivencia a narrativa, não se trata somente da maneira como os fatos são apresentados, mas também de como esse aspecto influencia na imersão e na fomentação do suspense.

— Sabia que viríamos?  
 — Sabia — a ex-atriz confirmou.  
 — Então Miguel telefonou?  
 — Não.  
 Mistério.  
 — Então como sabia?  
 Uma pausa dessas que Lena devia fazer muito bem quando representava.  
 — Ele está aqui. (Rey, 1995, p.87)

Ruth e Júlio tentam mais um local que Miguel poderia estar, e desta vez acertaram, porém a notícia não é das melhores Miguel está ferido e necessita de cuidados médicos.

Em seguida, pelos fundos da casa, Lena levou os dois para o corredor externo e destrancou a porta de um dos quartos. Ruth e Júlio ansiosos. Em completa escuridão um homem estava estirado numa cama alta, especial para massagens.  
 — Miguel... — sussurrou Ruth.  
 — Me acertaram — disse uma voz recortada pela dor. — Mas um mandei para o inferno. Não Geovani, infelizmente. (Rey, 1995, p.87)

Esse momento revela a vulnerabilidade de Miguel e a impossibilidade de escapar plenamente da violência que o cerca, ao mesmo que reforma como Marcos Rey utiliza a progressão gradativa de informações, entregando pistas antes das revelações. Durante a leitura o leitor pode fazer essa coleta de pistas e tentar desvendar os mistérios da trama.

Isso é verdade. Não eram ladrões comuns.  
 — Então procuravam alguma coisa — concluiu Júlio.  
 — Procuraram, mas não encontraram.  
 — Como sabe que não encontraram?  
 Ela não respondeu logo, mas disse enfim: — Porque essa coisa está com você.  
 — O quê?  
 — Porque essa coisa está com você — ela repetiu.  
 Não dava para entender.  
 — Comigo?  
 — Está.  
 — Do que está falando?

Depois Júlio lembrou: Miguel dera-lhe um caderninho de endereços para guardar, protegido por um elástico. (Rey, 1995, p. 15)

O trecho destaca o mistério em torno dos ladrões, e do que eles procuravam, as pausas estratégicas do diálogo são exatamente para intensificar a tensão. Portanto, não é apenas o "*o quê*" que está sendo contado, mas "*como*" os fatos são organizados e revelados que impactam diretamente a experiência de leitura. Rey intensifica o impacto ao fazer com que a revelação ocorra dentro da mente do personagem.

O autor domina essa estrutura ao criar uma história envolvente, onde cada detalhe é colocado de forma estratégica para intensificar o suspense de forma progressiva. Esse uso de recurso de estruturação se conecta à tradição do "*cliffhanger*, de origem literária, que foi apropriado pelas séries audiovisuais, tornando-se, inclusive, assinatura estratégica desses shows" (Nussbaum, 2012, s/p.).

É importante reiterar que Marcos Rey também dedicou boa parte de sua carreira escrevendo roteiros e adaptando obras para a televisão, muito antes de receber o convite para escrever para a coleção Vaga-Lume da Editora Ática. Esse período foi fundamental para sua formação como escritor, permitindo-lhe aperfeiçoar técnicas narrativas que tornavam seus textos comercialmente viáveis. Afinal, seu principal objetivo sempre foi garantir seu sustento por meio da escrita.

Diferente de muitos autores que cultivam uma relação idealizada com a literatura, Marcos Rey sempre manteve uma visão pragmática sobre seu trabalho. Ele não se via como alguém que escreveria por pura paixão, mas sim como um profissional que buscava manter seus pés no chão e produzir obras que vendessem. Essa mentalidade influenciou sua abordagem narrativa, tornando suas histórias ágeis, envolventes e bem estruturadas.

Quando recebeu o convite para escrever para a Editora Ática, Rey não precisou modificar seu estilo literário, apenas adaptá-lo às exigências da coleção. A proposta era clara: os livros deveriam ser direcionados ao público jovem e não ultrapassar 168 laudas, pois o objetivo da coleção era incentivar a leitura entre os adolescentes e foi definitivamente o dinheiro que o fez aceitar o trabalho.

Assim, o autor ajustou sua narrativa para atender a esse formato, sem comprometer as técnicas de suspense e construção de mistério que já dominava tão bem, assim conquistou muito sucesso entre o público jovem. “Lendo Marcos Rey sentiam-se adultos, pois mesmo nas histórias detetivescas havia um retrato da sociedade instigadora para discussões na classe.” (Rey, 1997, p.112)

Ao analisar outros livros do autor, como *O Mistério do Cinco Estrelas* (1981), *O Rapto do Garoto de Ouro* (1982), *Um Cadáver Ouve Rádio* (1983) e *Um Rosto no Computador* (1992). Observa-se a presença de características consideradas próprias do gênero policial, tais características indicam um estilo narrativo único, no qual o autor emprega momentos de revelação súbita e cortes estratégicos que mantêm o leitor preso à história.

As obras analisadas, porém, demonstraram a capacidade do autor de manter a tensão e instigar, até o final, a curiosidade do leitor, seja para obter respostas, para presenciar o desenlace do conflito entre heróis e vilões ou descobrir o destino da vítima, o que explica a popularidade de Rey e do romance policial entre os jovens que têm a chance de conhecê-los. (Gerace, 2024, p. 30)

Isso evidencia como Marcos Rey, ao transitar entre literatura e televisão, pode ter incorporado elementos do *cliffhanger* em sua abordagem narrativa. Sua experiência com roteiros televisivos contribuiu para a estrutura envolvente dos livros da coleção Vaga-Lume, tornando suas histórias ágeis, dinâmicas e repletas de momentos de suspense.

#### 4.2 Jornada do Herói: A Transformação de Júlio

Ao longo do período de doze horas, os eventos se desenrolam em uma sequência contínua dentro de uma estrutura linear. A ação se inicia a partir da busca de Júlio pelo irmão Miguel, esse mistério funciona como o ponto de virada inicial, impulsionando a trama e estabelecendo o conflito principal.

— Então como iremos encontrá-lo?  
— Por adivinhação. Conheço alguns lugares que Miguel frequenta ou onde poderá deixar recado. (Rey, 1995, p. 23)

A partir daí, em diante Júlio e Ruth percorrem diversos locais prováveis em que Miguel poderia estar. Ao longo da narrativa, pistas são gradativamente reveladas, Júlio não apenas investiga o desaparecimento de Miguel, mas também se vê envolvido com Ruth, que traz novas informações e complica ainda mais a situação. A cada descoberta revelada, Júlio experimenta uma sensação

crescente de desconhecimento de seu próprio irmão, percebendo que seu irmão pode ser muito mais misterioso do que ele imaginava.

Rey explica a funcionalidade do *plot* “como uma espécie de bússola. Tendo-o em mente o autor não se desvia do caminho proposto.” (Rey, 1997, s/p.). O autor reforça que, ao estabelecer um *plot* bem definido, evita-se desvios que possam comprometer o ritmo da trama. Essa abordagem é essencial para garantir que a progressão dos eventos ocorra de forma orgânica.

O primeiro destino de Júlio e Ruth é a rodoviária, onde ocorrem os dois primeiros *plot twist*. Júlio descobre que seu irmão fez parte de uma quadrilha e que o mesmo roubou dinheiro do grupo para fugir. Enquanto Ruth busca por uma bagagem que contém quinhentos mil dólares, que Miguel guardou justamente para o momento da fuga.

- De quem é esse dinheiro? — ele perguntou já imaginando a resposta.
- De seu querido irmão.
- De Miguel?
- Um sorriso enviesado:
- Ou seu, se o matarem. Quinhentos mil dólares.
- Dinheiro de tráfico?
- Dinheiro roubado de traficantes.
- Miguel roubou?
- Roubou. (Rey, 1995, p. 21)

Até então, Miguel era apenas um jovem desaparecido, mas com essa revelação, surge um novo contexto: sua ligação com uma quadrilha criminosa, o roubo de uma grande quantia de dinheiro e a iminente ameaça à sua vida. Aqui é exemplificado a bússola do *plot*, que Rey menciona, garantindo que a história avance por meio de reviravoltas, transformando a busca por Miguel em algo mais perigoso.

Cada novo acontecimento está alinhado ao objetivo principal, a busca por Miguel, desde o momento em que Júlio descobre o apartamento revirado até as pistas que ele reúne ao longo da narrativa. Essa linearidade estruturada faz com que a trama siga um percurso que pode ser relacionado com a jornada do herói. Desde o chamado à aventura até os outros estágios, sua trajetória segue o roteiro típico do arquétipo heroico.

A seguir, detalho como cada fase desse percurso se relaciona com os estágios da jornada do herói, permitindo visualizar de forma mais clara a trajetória de Júlio, desde o Mundo Comum até o Retorno com o Elixir.



**Quadro 2 - Jornada do Herói de Júlio**

| <b>Estágio</b>                      | <b>Momento da História</b>            | <b>Descrição</b>                                                           |
|-------------------------------------|---------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------|
| <b>Mundo Comum</b>                  | Introdução / Júlio voltando para casa | Júlio está em sua rotina normal antes da grande reviravolta.               |
| <b>Chamado à Aventura</b>           | Descoberta do apartamento revirado    | O protagonista percebe que seu irmão Miguel desapareceu.                   |
| <b>Relutância ao chamado</b>        | Júlio inicialmente confuso            | Ele hesita e não sabe como lidar com a situação.                           |
| <b>Encontro com o Mentor</b>        | Júlio conhece Ruth                    | Ruth surge como uma guia, fornecendo informações e impulsionando a busca.  |
| <b>Travessia do Primeiro Limiar</b> | Rodoviária e revelação sobre Miguel   | Júlio descobre que seu irmão roubou dinheiro de traficantes.               |
| <b>Testes, Aliados e Inimigos</b>   | Perseguições, diálogos e buscas       | O protagonista enfrenta desafios e perigos ao longo da jornada.            |
| <b>Caverna Oculta</b>               | Antes do confronto                    | Júlio e Ruth vão se preparar para ir até o hospital ter notícias de Miguel |
| <b>Provação</b>                     | Confronto e tensão máxima             | O mistério se intensifica, colocando Júlio em situações de extremo risco.  |
| <b>Recompensa</b>                   | Descoberta da verdade                 | Júlio finalmente se ver livre dos perseguidores.                           |
| <b>Volta ao mundo comum</b>         | Consequências e resolução final       | O protagonista retorna a Serra Branca ao final de sua jornada.             |
| <b>Renascimento</b>                 | Transformação e encerramento          | Júlio amadurece com a experiência vivida.                                  |
| <b>Retorno com o Elixir</b>         | Retorno a São Paulo                   | Júlio retorna a São Paulo e pode finalmente estar com Ruth.                |

Fonte: A autora, 2025

Ao longo da obra, observa-se que cada etapa da Jornada do Herói contribui para manter o ritmo da trama, a fomentação do suspense e a transformação de Júlio. Sua trajetória não apenas segue um percurso linear, mas também se adapta à ambientação urbana e ao estilo de Marcos Rey, que utiliza cortes estratégicos e revelações súbitas para manter a tensão. Dessa forma, a jornada não é apenas um recurso narrativo, mas um elemento estruturante que fortalece o enredo.

Relacionar a Jornada do Herói com a obra *Doze Horas de Terror* evidencia a intenção do autor em criar uma narrativa imersiva e concisa. Ao construir um personagem com conceitos de arquétipo heroico, enfrentando desafios urbanos em um contexto contemporâneo, a trama ganha relevância para o contexto na qual foi criada. Além disso, reforça a sua função inicial de ser uma obra bem aceita na comunidade de jovens leitores.

Ao longo da análise, percebe-se que além de seguir a Jornada do Herói, a obra também explora arquétipos fundamentais que enriquecem a construção dos personagens. Júlio, Ruth, Miguel e outros personagens secundários não apenas desempenham papéis específicos na trama, mas também carregam traços que os aproximam de figuras clássicas do imaginário literário. No próximo tópico, analisaremos como esses arquétipos contribuem para o desenvolvimento dos personagens dentro da narrativa.

#### **4.3 Arquétipos na Narrativa: Personagens**

Em *Doze Horas de Terror*, Marcos Rey constrói personagens que têm papéis essenciais dentro da narrativa, seguindo arquétipos clássicos que ajudam a estruturar o enredo. Desde Júlio, Ruth e Miguel - os personagens mais recorrentes da narrativa - até os secundários, todos representam padrões universais de comportamento que podem ser associados a modelos recorrentes na literatura e no gênero suspense.

Ao analisar esses arquétipos, é possível compreender melhor como a presença desses padrões pré-definidos é essencial para uma narrativa coesa. Também se percebe como a obra utiliza essas figuras para transmitir uma mensagem de superação e explorar as dinâmicas que o contexto familiar e urbano traz à narrativa, além de como isso afeta os personagens, transformando o sentimentalismo em uma forma de criar vínculos entre o leitor e os protagonistas.

O conceito de arquétipo é uma ferramenta indispensável para se compreender o propósito ou função dos personagens em uma história. Se você descobrir qual a função do arquétipo que um determinado personagem está expressando, isso pode lhe ajudar a determinar se o personagem está jogando todo o seu peso na história. (Vogler, 2006, p. 48)

Marcos Rey domina a arte de estruturar o suspense narrativo por meio de seus personagens, utilizando arquétipos clássicos que intensificam a tensão e o envolvimento do leitor. A presença de arquétipos não apenas define os papéis dentro da trama, mas também orienta o desenvolvimento do mistério, tornando cada revelação impactante e mantendo o ritmo acelerado da história.

Contudo, pode-se inquirir como identificamos um arquétipo dentro de uma história, pois pode haver vários personagens com funções parecidas. Vogler (2006) destaca duas perguntas que ajudam a identificar a natureza de um arquétipo, 1) Que função psicológica, ou que parte da personalidade ele representa? 2) Qual sua função dramática na história? (Vogler, 2006, p.65) Essas perguntas seguem vertentes diferentes no quesito personagem e sua função. Enquanto a primeira análise se volta para a essência interna do personagem, a segunda está relacionada ao impacto estrutural do arquétipo no enredo."

Ao aplicar essa metodologia à narrativa de *Doze Horas de Terror*, percebe-se que o autor constrói seus personagens tendo como base esses princípios. Podemos aprofundar essa discussão analisando exemplos da obra que reforçam essa dualidade psicológica e dramática.

Júlio respirou fundo.  
 — Quer dizer que Miguel é da quadrilha, é isso?  
 Ela virou o martini que restava no cálice. Não era fácil revelar.  
 — Era. Vamos agora.  
 Júlio seguiu Ruth ainda não entendendo nada. Enquanto desciam as escadas, perguntou:  
 — Você disse era, então ele rompeu com a quadrilha? (Rey, 1995, p. 19)

Nessa cena, o protagonista, Júlio, começa a lidar com um conflito interno, pois até então enxergava Miguel apenas como um irmão que precisava ser resgatado. Porém, ao descobrir que ele roubou dinheiro de traficantes, sua visão sobre Miguel se torna mais complexa, e segue sendo definido pelo arquétipo do herói, aquele que se vê diante de um conflito inesperado e precisa enfrentá-lo apesar das circunstâncias adversas.

Seu papel dentro do suspense é essencial: ele é o personagem que conduz o leitor pela investigação, encontrando pistas, essa cena em específico representa um momento de *plot twist*, pois muda a motivação da busca de Júlio que agora deseja respostas para suas indagações. Sua progressão psicológica também é típica do gênero: ele começa desorientado, mas, aos poucos

desenvolve coragem e capacidade analítica, permitindo que a trama avance sem perder o impacto do mistério. Ao longo da narrativa, as mudanças em sua personalidade tornam-se perceptíveis como consequência dos desafios enfrentados.

Viu o carro? — ele perguntou.

— Vi, passou do seu lado. Meu medo era que você se assustasse e corresse.

— Fingi um defeito na perna. Acho que foi o que me salvou. — Você está ficando muito vivo.

— Se eu corresse seria o meu fim — disse Júlio. (Rey, 1995, p. 61)

O amadurecimento de Júlio ao longo da narrativa é um dos aspectos mais significativos da obra. Essa cena exemplifica sua evolução de maneira precisa. Em um momento de tensão, ele não age impulsivamente, mas sim de forma calculada. Ao fingir um defeito na perna, ele se camufla para não chamar atenção e evita se tornar um alvo fácil.

Confesso que estou com bastante raiva do Miguel. É um ambicioso doido. Um inconsequente que pôs duas vidas em risco, a minha e a sua. E que já causou uma morte, a do sacristão. Essa sacola poderá causar ainda novas mortes. Não sei se o perdoarei. (Rey, 1995, p. 62)

Um verdadeiro herói não é apenas aquele que enfrenta desafios físicos, mas também aquele que lida com dilemas éticos e emocionais. Júlio demonstra um momento de conflito interno ao reconhecer a irresponsabilidade de Miguel e questionar sua capacidade de perdoar o irmão. Esse momento traz uma reflexão à narrativa sobre o impacto das ações de Miguel na vida de Júlio.

Júlio representa um herói que aprende com seus desafios e refina sua própria visão do que é certo e errado. Seu caráter é moldado pelas adversidades, e sua transformação ao longo da narrativa evidencia seu crescimento emocional. Ruth desempenha um papel significativo nessa transformação, sendo sua parceira de jornada e a pessoa que revela os segredos obscuros de Miguel. Por essa razão, Ruth pode ser definida por dois arquétipos: aliado e mentor.

Ruth é aquela personagem que possui informações cruciais e guia o protagonista na jornada. Porém, dentro da narrativa de suspense, essa figura é frequentemente ambígua, gerando dúvidas sobre sua confiabilidade. O leitor, assim como Júlio, precisa avaliar se Ruth é uma verdadeira aliada ou se seus próprios interesses interferem na busca por Miguel. O arquétipo de Aliado, companheiro de viagem do herói, pode atuar como parceiro, amigo e par

romântico. Essa dualidade narrativa reforça o suspense, criando uma camada adicional de tensão.

— E você, como entrou nessa? — quis saber Júlio, cada vez mais atraído pela moça.

— Sou apenas a namorada de um traficante. Mexo com cenários de peças teatrais — contou ela com certo orgulho. — É minha vocação. No orfanato eu já desenhava. (Rey, 1995, p. 26)

Ruth se destaca como o personagem mais complexo da obra. Desde o início, apresenta-se como uma figura enigmática. Sua relação com um traficante e sua profissão no teatro revelam uma dualidade marcante, pois, embora se pudesse esperar que estivesse envolvida em atos ilícitos, ocorre o contrário. Ao mesmo tempo em que está imersa no submundo do crime, ela apresenta um contraste com seu lado artístico e sensível.

— Você foi uma menina de rua?

— Fui, dormi muito em bancos de jardins, portas de igreja e debaixo de viadutos.

À noite é que se sabe como esta cidade é fria e perigosa. Mais de uma vez quase fui estuprada. Sempre com minha pasta de desenhos. (Rey, 1995, p. 26)

Essa informação adiciona uma camada emocional ao personagem, transformando-a em alguém que não apenas navega entre perigo e sobrevivência, mas também preserva algo genuíno dentro de si.

Ruth não é apenas alguém que carrega um leque de informações, mas também um elemento transformador na trajetória de Júlio. Sua relação com ele, que se desenvolve ao longo da narrativa, é fundamental para revelar as nuances morais do mundo ao seu redor.

Enquanto Miguel representa um vínculo familiar já abalado muito antes das descobertas de crime e de sua natureza duvidosa, ao longo da narrativa ele transita entre diferentes papéis, de início é o irmão do qual não se sabe muito, vítima de um desaparecimento, mas conforme a trama avança, se revela envolvido com o mundo do crime. Não se sabe ao certo se Miguel é vítima das circunstâncias ou causador do conflito, seu comportamento é imprevisível adicionando mais uma camada de complexidade à história.

— Você é irmão dele, deve saber melhor do que eu.

— Faz cinco anos que Miguel vive em São Paulo — disse Júlio. — Durante esse tempo o vi poucas vezes. Não sei quase nada da vida dele. (Rey, 1995, p. 16)

Miguel é um personagem que nunca se fixa em uma única função dentro da história. Sua ausência mantém o suspense constante, pois o leitor e Júlio precisam decifrar suas ações e intenções. Sua imprevisibilidade e impacto na jornada de Júlio fazem dele um personagem fundamental para o desenvolvimento do enredo.

— Acho que vou deixar a profissão — disse Miguel rindo.  
 — Resolveu criar juízo — admirou-se Ruth. — Parabéns.  
 — Não é bem isso. Tenho um plano. Os caras vão receber meio milhão do tráfico. Estou pensando em passar a mão nesse dinheiro e dar o sumiço. (Rey, 1995, p. 27)

Se Júlio é quem carrega o traço de não ser impulsivo, Miguel é marcado por essa característica. Vogler destaca “Os Camaleões mudam de aparência ou de estado de espírito. Tanto para o herói como para o público, é difícil ter certeza do que eles são” (2006 p. 78). Sua decisão de roubar dinheiro do tráfico demonstra que ele não segue um código moral ético, mas sim age conforme sua conveniência, sem considerar os impactos de suas escolhas sobre outros.

Na penumbra do quarto, Júlio perguntou, curioso:  
 — Continua muito apaixonada por ele?  
 — Sinto desejo de ajudar o Miguel. Mas já não sei se isso é paixão. Essa noite foi comprida demais. O suficiente para mudar as coisas. (Rey, 1995, p. 96)

Os ocorridos da noite, são suficientes para trazer à tona sentimentos confusos aos personagens a respeito da lealdade deles em relação a Miguel. Vogler (2006) argumenta que “lidar com um Camaleão pode fazer com que um herói mude suas atitudes em relação ao sexo oposto, ou se harmonize com as energias reprimidas com as quais esse arquétipo lida.” (2006, p. 80).

Miguel como Camaleão desafia constantemente a confiança dos que estão ao seu redor. Para Ruth, que inicialmente age como uma aliada, também precisa reconsiderar sua visão sobre Miguel. Sua posição na trama exige que ela seja racional e estratégica, mas seu envolvimento emocional com ele pode representar um conflito interno.

Mesmo sendo um personagem de comportamentos imprevisíveis e ex-membro de uma quadrilha, Miguel ainda não é o arquétipo que provoca a maior sucessão de momentos críticos para Júlio e Ruth. Os dois membros ativos da quadrilha são os verdadeiros responsáveis por representar o arquétipo da Sombra, criando os principais conflitos e desafios que impulsionam a narrativa.

Durante as doze horas de terror, Júlio e Ruth são perseguidos pela quadrilha, que deseja recuperar o dinheiro roubado por Miguel. Geovani e Ludmila, em especial, são responsáveis por essa perseguição, tornando-se uma ameaça constante.

Era uma mulher alta, sem idade, vestida de preto, que mais chamava a atenção pelos bastos cabelos vermelhos.  
Oh... exclamaram os dois sem emitir sons.  
Ficou a olhá-los sem proferir palavra, curtindo, talvez, a impressão inesperada que causava. Júlio e Ruth também nada disseram, como crianças diante de uma assombração. Imóveis, nem bocas nem pernas. (Rey, 1995, p. 40)

A descrição de Ludmila Ruiva no trecho reforça seu papel como uma presença ameaçadora, que não precisa de ações explícitas para causar medo. Sua aparência imponente e seu silêncio estratégico transformam sua presença em uma verdadeira assombração, o que evidencia seu papel como uma figura de domínio psicológico sobre Júlio e Ruth.

Diga o que aconteceu e bem depressa — exigiu Miguel. O olhar dela foi a resposta: tinha medo de falar.  
— Algo relacionado com meu irmão?  
A gorda não queria ou não podia dizer nada. Ele apontou a arma para o outro cão.  
Aí ela falou:  
— Geovani... me culpou... da fuga... de seu irmão... e da moça. (Rey, 1995, p. 69)

Enquanto Ludmila exerce uma intimidação silenciosa, Geovani representa a força bruta e o perigo iminente. Ele exerce uma pressão sobre outros personagens forçando-os a falar e expõe sua agressividade, encaixa-se na construção de um personagem que não hesita em usar a violência para alcançar seus objetivos.

A gente esteve o tempo todo com a mesma ideia na cabeça, não é verdade?  
Passar a turma pra trás.  
Ludmila não disse que sim, mas admitiu:  
— Bem, a gente pode pensar nisso... Não é muito para se dividir com todos.  
— Mas há um porém — disse o grandalhão.  
— Porém?  
— Também é pouco dinheiro pra dividir por dois.  
— O quê?  
— Isso mesmo. Vou ficar com ele todo. — E atirou duas vezes.  
Lá de cima Ruth e Júlio viram quando a mulher de cabelos vermelhos caiu e Geovani pegou a sacola. (Rey, 1995, p. 124)

A ganância de Ludmila e Geovani se torna um elemento de conflito, revelando tensões internas da quadrilha, que afinal não podem confiar uns nos

outros, o embate final, culmina no assassinato de Ludmila traída por Geovani, evidenciando que o desejo e a ambição podem ser autodestrutivos, aprofundando a crítica social presente na obra. O que de fato surpreende é o *plot twist* é quando Ludmila ainda consegue ter uma reação ao atirar em Geovani e cambaleando pelas ruas nas primeiras horas da manhã, o mesmo é assaltado por crianças, essa cena ostra como a criminalidade circula por diferentes camadas e como os papéis se invertem onde o mais temido se torna vulnerável.

Nos trechos finais, a narrativa se encerra, revelando os destinos finais dos protagonistas, Miguel, se torna detento e encontra o seu fim ao morrer durante uma tentativa de fuga. Por sua vez Júlio e Ruth tem um desfecho otimista, após Júlio retornar do interior, os dois engatam um relacionamento, o desfecho destaca o talento de Marcos Rey em construir personagens com arcos bem definidos.

Os arquétipos em *Doze Horas de Terror* não apenas servem de moldes, mas também intensificam a tensão narrativa, guiando o leitor por uma jornada de mistério e transformação. Júlio, Ruth, Miguel e a quadrilha representam padrões universais que dão profundidade à trama, tornando cada conflito mais envolvente e cada revelação mais impactante. Assim, Marcos Rey adapta essas estruturas clássicas ao seu estilo, garantindo uma leitura dinâmica.

A análise da obra evidencia a eficácia do autor ao realizar o corte temporal bem dosado, a utilização dos arquétipos narrativos e elementos de suspense para construir uma trama envolvente. Os personagens assumem arquétipos clássicos que favorecem a identificação do leitor, enquanto a estrutura marcante da Jornada do Herói e o ritmo contínuo favorecem a criação de uma história envolvente. Essa combinação evidencia não apenas a habilidade do autor em prender a atenção, mas também a riqueza simbólica da narrativa, justificando a relevância de uma leitura crítica da obra.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo buscou-se compreender como o uso de técnicas narrativas podem auxiliar o escritor a realizar a construção do suspense, como a literatura infantojuvenil pode ir além do entretenimento, promovendo reflexões simbólicas e estruturais profundas. Utilizando-se desses recursos é possível estabelecer a melhor forma de criar uma narrativa envolvente.

A obra *Doze Horas de Terror* do escritor brasileiro Marcos Rey, foi escolhida para ser o objeto de estudo desta pesquisa por apresentar singularidades narrativas. A partir da exploração dos arquétipos presentes nos personagens, compreende-se a aplicação da jornada do herói, assim como o uso estratégico de cortes e recursos como o *cliffhanger*, tornando possível perceber a sofisticação do texto e o domínio técnico do autor na construção do suspense.

A relevância dessa abordagem está justamente em demonstrar que a literatura destinada ao público jovem também possui camadas interpretativas ricas e significativas. Obras voltadas a esse público, quando analisadas com um olhar crítico, revelam múltiplas camadas de complexidades, desde o núcleo da narrativa até camadas mais profundas como questões sociais e psicológicas.

Ademais a literatura infantojuvenil pode ser um catalisador de pensamentos críticos, promovendo a formação de leitores reflexivos conscientes de si e do mundo ao seu redor.

A jornada de Júlio, os dilemas morais de Miguel e a profundidade de Ruth representam mais do que simples personagens fictícios, mas também simbolizam conflitos humanos universais. Assim, este trabalho reafirma a importância da leitura crítica como forma de valorização das obras e de compreensão da experiência narrativa, através da criação de vínculos do leitor com os personagens.

Embora não se trate de um estudo voltado especificamente para o audiovisual, a análise desses recursos evidenciou aproximações significativas entre a literatura e o cinema. Ambas compartilham de estruturas narrativas semelhantes e estratégias de construção de tensão.

Desta forma, as análises desenvolvidas durante essa pesquisa permitiram compreender a eficácia que as técnicas narrativas têm em relação à construção

narrativa do suspense, assim como evidencia a importância da literatura infantojuvenil. Ao investigar *Doze Horas de Terror*, revelou-se que a obra é rica narrativamente, tanto pela sua estrutura textual quanto pelo uso de elementos que favorecem o engajamento do leitor e a tensão progressiva, reafirmam o domínio técnico de Marcos Rey.

Conclui-se que obras voltadas à literatura infantojuvenil apresentam grande teor de profundidade, revelam-se tão complexas quanto qualquer obra do público adulto, tornando capaz de provocar reflexões significativas sobre temas universais. Espera-se que esse trabalho contribua para o fortalecimento do campo de análise narrativa aplicada à literatura de suspense que até então é tão pouco explorada academicamente e que incentive novas pesquisas a respeito.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo. Duas Cidades; Editora 34, 2002.

BONFATTI, Paulo et al. Acerca do conceito de arquétipo na psicologia analítica: breves considerações. **Analecta**, v. 4, n. 4, nov. 2018. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/ANL/article/view/1793>. Acesso em: 13 mai. 2025.

GERACE, Victória Afonso Maciel. **Romance policial na coleção Vaga-Lume: a contribuição de Marcos Rey para a formação de jovens leitores no Brasil**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://bdta.abcd.usp.br/directbitstream/ff46f3e1-48e1-4edb-90ee-cc62af04352f/tc5322-Victoria-Gerace-Romance.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2025

GREGORIN FILHO, J. N. **Literatura Juvenil**. Editora Melhoramentos, 2012.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ, Vozes, 2016.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira** - História & Histórias. 5ª ed. São Paulo, Ática, 1991

LESZCZYNSKI, Taynara; SOARES, Isabelle Maria. A escrita em conjunto na literatura policial brasileira: um olhar sobre os arquivos de João Condé. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, 21, n. 38, p. 553-564, jan.-abr.) 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/65304>. Acesso em: 15 mai. 2025.

Maranhão, Carlos. **Maldição e glória: a vida e o mundo do escritor Marcos Rey**/Carlos Maranhão: Prefacio Fernando Moraes - São Paulo, Companhia das Letras. 2004

MENON, Maurício César. **Educação Literária em foco: Entre Teorias e Práticas**. Universidade Estadual do Norte do Paraná. 2008

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira: Modernismo**. 5.ed. São Paulo: Cultrix, 2001

MONTEIRO, Nogueira Yara. **Da maldição divina à exclusão social: Um estudo da hanseníase em São Paulo** (tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP), São Paulo. 1995

MORAES, A. C.; GRUSZYNSKI, A. C.. Uma análise sobre consumo e apropriação de literatura entre estudantes. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/elbc/a/Dy3gg9zgHMnmHNHZjDtNB7Q/?lang=pt>. Acesso em: 20 Fev. 2025.

NUSSBAUM, Emily. Tune in next week. **The New Yorker**. July 22, 2012. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2012/07/30/tune-in-next-week> Acesso em: 25 Mar. 2025.

REY, Marcos. **O Caso Do Filho Do Encadernador** – Romance Da Vida De Um Romancista. 2. ed. São Paulo, Ática, 1997.

REY, Marcos. **Doze Horas de Terror**. ed. Ática. 1995

REY, Marcos. **O Roteirista Profissional Televisão e Cinema**. ed. Ática. 1997

SERELLE, Marcio. Variações sobre o cliffhanger: narrativa seriada e consumo. **Comunicação Mídia e Consumo**, [S. l.], v. 21, n. 60, 2024. DOI: 10.18568/cmc.v21i60.2923. Disponível em: <https://rcmc.emnuvens.com.br/revistacmc/article/view/2923>. Acesso em: 31 mai. 2025.

SILVA, Selma Leite Galindo da. Existe é o homem humano. Travessia: uma análise filosófica existencial de Kierkegaard em Grande Sertão: Veredas. Revista **COMFILOTEC**, v. 14, n. 07, 2021. Disponível em: <https://revista.fapcom.edu.br/index.php/revista-comfilotec/article/view/475/433> Acesso em: 02 Mar. 2025

SVARTMAN, Rosane. **A telenovela e o futuro da televisão brasileira**. São Paulo, 2023.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**: estruturas míticas para escritores. Tradução de Ana Maria Machado. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006